

Tendências temáticas na produção científica em Museologia no Brasil¹

DOI: 10.2436/20.8070.01.72

Luciana Ferreira da Costa

Doutora em História e Filosofia da Ciência com Especialidade em Museologia pela
Universidade de Évora, Portugal.

Professora da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

E-mail: lucianna.costa@yahoo.com.br

Resumo

O estudo identifica as temáticas da produção científica em Museologia no Brasil com base na análise de artigos em periódicos de acesso aberto no arco cronológico de 2006 a 2016. A metodologia utilizada é a bibliometria com aporte da análise de conteúdo por categorias. Evidencia as temáticas por meio de categorias determinadas a partir do título, resumo e, principalmente, do conteúdo completo dos artigos que integram o *corpus* documental de análise formado por 182 artigos. Os resultados apontam que a produção científica analisada se enquadra em 19 categorias temáticas. As categorias temáticas com maior incidência na produção científica em Museologia são *Objeto/Coleção/Acervo*, *Exposição Museológica*, *Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência e Tecnologia*. Conclui que a produção científica analisada se guia por questões que se encaixam no Quadro Geral da Disciplina Museológica delineado pelo Comitê Internacional para a Museologia do Conselho Internacional de Museus, mas que também se apresenta em compasso com as tendências centrais da Museologia do século XXI.

Palavras-chave: Bibliometria, Produção científica, Análise temática, Museologia, Brasil.

¹ O presente artigo é um recorte da tese de doutoramento intitulada *Museologia no Brasil, século XXI: atores, instituições, produção científica e estratégias* desenvolvida no âmbito do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência com Especialidade em Museologia da Universidade de Évora, Portugal (COSTA, 2017).

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo identificar as temáticas presentes na produção científica dos docentes permanentes dos programas de pós-graduação (PPG) *stricto sensu* em Museologia, a partir dos artigos publicados em periódicos científicos de acesso aberto, no período de 2006 a 2016².

Nessa perspectiva, foram abarcados na pesquisa os PPG acadêmicos em Museologia, a saber: o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade do Federal do Estado do Rio de Janeiro desenvolvido em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (PPG-PMUS UNIRIO/MAST), o Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (PPGMus USP) e o Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMuseu UFBA), dado o reconhecimento do papel dos PPG para conferir impulso teórico e conceitual para a área, já que é amplamente reconhecido que as pesquisas inovadoras se desenvolvem fundamentalmente no contexto da pós-graduação (VELLOSO; VELHO, 2001).

O estudo, ao analisar as temáticas presentes nos artigos, propõe-se a trazer um contributo para o conhecimento das tendências temáticas da pesquisa em Museologia, bem como oportunizar a análise dos temas que podem ser estimulados em relação à produção científica na área e suas construções políticas e epistemológicas interdisciplinares.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO EM MUSEOLOGIA

O Brasil tem acompanhado o movimento internacional das primeiras décadas do século XXI em que tem se configurado um novo panorama não só de museus como campo de estudo em diversas disciplinas, mas da área da Museologia, especificamente no tocante à demanda por cursos, formação e atuação profissional (POULOT, 2013).

Tanto que Valente, ao discutir a história dos museus e o movimento de fortalecimento da área da Museologia, concluiu que, na atualidade, o museu conquistou papel de destaque e já vinha sendo objeto de estudo no âmbito de pesquisas acadêmicas desenvolvidas em diferentes áreas (VALENTE, 2014). Algo que as reflexões de Lopes e Murriello, antecedendo Valente, já apontavam o museu como objeto de investigação em várias áreas disciplinares e o reconhecimento da Museologia “como área de reflexão teórica e ação prática – essencialmente interdisciplinar –, (que) já está consolidada não só no Brasil mas, também, com diferentes trajetórias em diversos outros países latino-americanos” (LOPES; MURRIELLO, 2005, p. 14) a exemplo da Colômbia, da Argentina, do México (com ampla tradição na área da Museologia) e do Equador.

A expansão da formação em Museologia no Brasil já era uma necessidade apontada desde os anos 1980. Mas foi a partir dos anos 2000 que a necessidade de formação e capacitação de recursos humanos na área ganhou força, pois passou a compor um dos eixos programáticos de uma estratégia do governo federal do Brasil: a Política Nacional de Museus (PNM). A PNM, elaborada em parceria com a comunidade

² Optou-se por se debruçar sobre a produção dos docentes do núcleo permanente dos PPG, justificada pela consideração de que a produção intelectual desta categoria é um quesito de avaliação dos programas por parte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no Brasil. O período de 2006 a 2016 abrange a criação dos cursos de mestrado e doutorado na área até o momento.

museológica brasileira, pretendia, segundo Nilson Alves de Moraes, “propor instrumentos de financiamento e fomento dos museus, desenvolver ações e iniciativas para oferecer visibilidade e condições de existência e consolidação aos museus como instituições e campo científico e profissional” (MORAES, 2009, p. 61). A partir da criação da PNM, assinalam-se como marcos estruturantes das ações governamentais em prol da política museológica no Brasil: a criação, em 2003, do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU), seguida da criação, em 2004, do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), a criação do Cadastro Nacional de Museus (CNM) em 2006, o estabelecimento do Estatuto dos Museus (EM) e, por fim, a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), ambos em 2009 (MORAES, 2009).

Com efeito, o alargamento da oferta formativa em Museologia é atribuída à PNM e às iniciativas do IBRAM, o que se deu em conformidade com a então conjuntura favorável das instituições federais de ensino superior, sobretudo, relacionada ao Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)³.

Ao longo de todo o século XX, o Brasil contou apenas com três cursos em Museologia: o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN), criado em 1932, o qual foi herdado pela UNIRIO; o Curso de Graduação em Museologia da UFBA, criado em 1970; e, com o curso da Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon (FAMARO) criado em 1975 no Rio de Janeiro⁴. A formação em Museologia teve sua expansão na primeira década do século XXI, quando a partir do ano de 2003 houve um *boom* para os atuais 16 cursos em nível de graduação espalhados pelas cinco regiões do país. Este panorama é reflexo da conjuntura política favorável em prol da Museologia, mas também da “disposição que já vinha sendo anunciada pelas pesquisas acadêmicas produzidas em diferentes departamentos disciplinares das universidades brasileiras [...]” (Valente, 2014, p. 38).

Também data dos primeiros anos do século XXI a criação do primeiro Curso de mestrado em Museologia, que se deu especificamente no ano de 2006. Atualmente, a formação pós-graduada em Museologia conta com seis programas de pós-graduação *stricto sensu* que ofertam sete cursos: seis cursos de mestrado (sendo quatro mestrados acadêmicos e dois mestrados profissionais) e um curso de doutorado, conforme pode ser visualizado no Quadro 1.

Assinala-se que, para efeito da pesquisa em relato, foram contemplados os programas com mestrado acadêmico e doutorado pelo fato de se dedicarem às pesquisas sobre o *status quo* de uma área de conhecimento, bem como à formação de profissionais de alto nível com fins à pesquisa e ao desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico de uma área, diferentemente dos mestrados profissionais que, por sua vez, dedicam-se à aplicação do conhecimento em atendimento às demandas do mercado de trabalho.

³ Estratégia do governo para ampliar o acesso e a permanência na educação superior e, também, para o crescimento do ensino superior público, para a sua expansão física, acadêmica e pedagógica (MEC, 2008).

⁴ Transferido anos depois para Faculdades Integradas Estácio de Sá (FINES), com funcionamento encerrado em 1995.

Quadro 1 – Distribuição dos programas de pós-graduação em Museologia no Brasil

Instituição	Programa	Ano de criação	ME/MP/D	Nota
UNIRIO/MAST	Museologia e Patrimônio	2006	ME	4
		2011	D	4
MAST	Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia	2014	MP	3
USP	Museologia	2012	ME	3
UFBA	Museologia	2013	ME	3
UFPI	Arte, Patrimônio e Museologia	2014	ME	3
UFRGS	Museologia e Patrimônio	2016	ME	3

Fonte: Plataforma Sucupira/CAPES – Cursos recomendados e reconhecidos

Onde: ME=Mestrado Acadêmico; MP=Mestrado Profissional; e D=Doutorado

Nota de avaliação da CAPES

3 DESENHO METODOLÓGICO

Considerando o objetivo da pesquisa em relato, esse estudo se caracteriza como documental, exploratório e descritivo que assentou numa estratégia metodológica qualitativa com aporte quantitativo.

Trata-se de um estudo bibliométrico que se centra na evolução deste tipo de estudo “de atribuir sentido aos dados, qualificando-os para que possam ter melhor uso por parte de políticas de ciência e tecnologia (C&T)” (SANTOS; KOBASHI, 2009, p. 159-160), bem como por parte da área de conhecimento pesquisada no contexto de seus pesquisadores, grupos de pesquisa e sociedades científicas.

A recolha de dados se deu a partir do Currículo Lattes de 37 docentes permanentes vinculados aos PPG acadêmicos, PPG-PMUS UNIRIO/MAST, PPGMus USP e PPGMuseu UFBA, de onde foi possível levantar a produção bibliográfica com estrita atenção para artigos em periódicos científicos. Inicialmente, a partir do quantitativo fornecido pelo módulo *Indicadores de produção* e do registro completo dos artigos constantes do Currículo Lattes foram levantados 306 artigos. Partiu-se para a execução do trabalho manual de verificação, conferência e cruzamento do quantitativo e registro dos artigos. O referido trabalho permitiu identificar algumas inconsistências como: artigos em duplicidade, outros tipos de publicação (livros/ebook, capítulo de livro, resenhas, editoriais de revistas científicas, apresentação de edições, pontos de vista, e trabalhos em anais de eventos) registrados como artigo científico. Os casos de inconsistências identificados foram devidamente excluídos do cômputo inicial de 306 artigos. Assim, chegou-se ao total de 276 artigos, sendo que destes o total de 188 artigos foram de fato publicados em periódicos científicos de acesso aberto.

Para fins deste artigo, recorte da tese da autora, o *corpus* documental da análise qualitativa foi composto por 182 artigos, pois foi suprimida a dupla contagem referente aos artigos em coautoria entre os docentes.

A análise dos artigos para formulação das categorias se deu por meio de consulta ao título, ao resumo e, sobretudo, ao conteúdo completo dos artigos. Esses elementos nortearam a formulação de um conjunto de categorias estruturantes para extração das “pertinências qualitativas” (BARDIN, 1979). Desta feita, o *corpus* documental de artigos foi classificado em 19 categorias: *Objeto/ Coleção/ Acervo; Exposição*

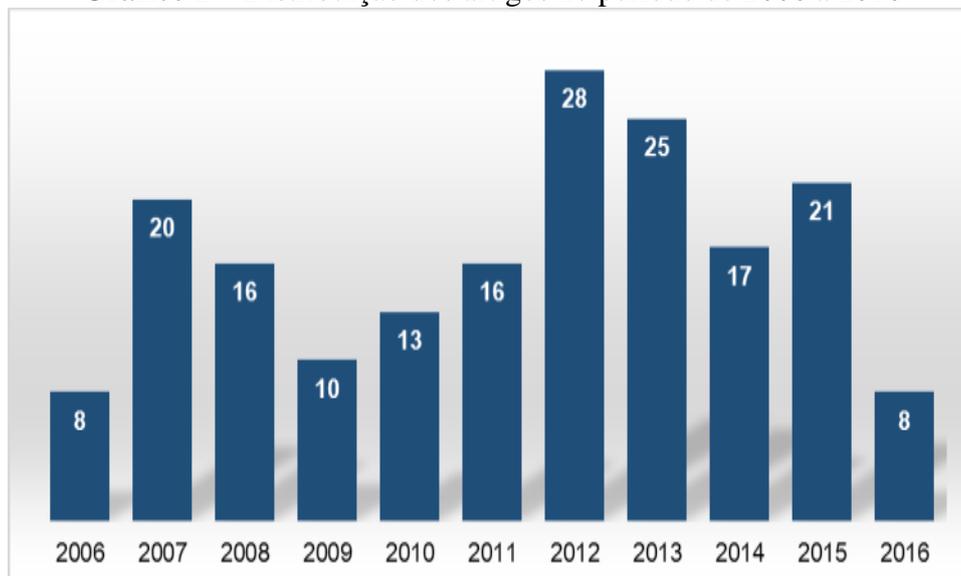
museológica; Preservação e Conservação de Objetos culturais e do Patrimônio de Ciência & Tecnologia; Teoria da Museologia; Patrimônio Cultural, Ação Cultural e Educativa em Museus; Instituições Museológicas no Brasil; Função Social dos Museus; Estudo de público; Documentação Museológica; Museu, Memória e Movimentos Sociais; Narrativa biográfica/personagem; Ensino da Museologia; Musealização do Patrimônio; Cibercultura Museal; Identidade Cultural; Políticas Públicas de Cultura; Acessibilidade em Museus; e, Outras agendas de investigação.

Em relação à distribuição dos artigos por categoria temática, adverte-se que as categorias não são limitadoras de outras possibilidades de leitura, interpretação e classificação de um mesmo artigo em diferentes categorias.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produção científica em Museologia publicada em periódicos científicos de acesso aberto no período de 2006 a 2016 é composta por 182 artigos, cuja distribuição por ano de publicação é apresentada no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Distribuição dos artigos no período de 2006 a 2016



Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Em sequência apresentam-se as categorias temáticas iniciadas por descrição conceitual aportada pela literatura, seguida da distribuição de artigos dentro da baliza cronológica de 2006 a 2016 e de aspectos como: afiliação científica dos artigos, temáticas abordadas nos artigos no âmbito das categorias e que instituição se desenvolveram.

5.1 Categoria: Objeto/ Coleção/ Acervo

O objeto no âmbito de uma instituição museológica é considerado uma representação concreta/física/palpável da memória. É ele que estabelece ligação entre o passado e o presente. A incorporação dos objetos ao museu pode ocorrer por coleta, doação, legado, empréstimo, compra, transferência, permuta ou depósito. Aspectos

como raridade, fabricação, relevância científica e cultural, antiguidade, preciosidade do objeto, são alguns dos motivos que levam os museus a salvaguardarem os objetos em seu acervo.

Mas para que um objeto seja incorporado ao acervo de um museu, o mesmo precisa ser pesquisado de modo a levantar informações que o identifique com a missão da instituição museológica. Após o processo de pesquisa e análise, o objeto adquire valor documental, ou seja, “passa a compor uma coleção determinada pela instituição e assim se torna elemento de algo ainda maior, denominado acervo museológico” (PADILHA, 2014, p. 19).

Por sua vez, o acervo museológico é formado por objetos de vasta tipologia, podendo ser etnográfico, antropológico, arqueológico, artístico, histórico, tecnológico, imagético, sonoro, virtual, de ciências naturais, entre outros (PADILHA, 2014). O acervo museológico engloba objetos relacionados ao interesse e finalidade de preservação, pesquisa e comunicação de uma instituição museológica.

A categoria *Objeto/ Coleção/ Acervo* está relacionada aos objetos culturais; aos acervos como marcadores sociais; à dimensão testemunhal e representativa das coleções museológicas; aos sistemas de documentação/informação de acervos museológicos; formação, registro, classificação, catalogação, inventário e acondicionamento de coleções; coleções de objetos tangíveis e indicadores culturais intangíveis; à catalogação, classificação e indexação de acervos; à implantação de sistemas informatizados de documentação dos processos de conservação e restauração.

Classificaram-se na referida categoria 18 artigos, sendo seis do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, quatro do PPGMus USP e oito do PPGMuseu UFBA.

No que concerne à afiliação científica dos artigos analisados, verificou-se que a maioria se enquadra no contexto de: projetos de pesquisa (10 artigos) financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP); de projeto de extensão universitária (01 artigo) intitulado *Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia* desenvolvido de forma interinstitucional entre o Departamento de Museologia e as Pró-Reitorias de Extensão e Atenção Estudantil; de orientação de dissertação (01 artigo) no âmbito da pós-graduação em Museologia; e, de tese do docente do PPG (01 artigo). Os demais artigos, no caso seis artigos, não especificaram a afiliação científica.

Os artigos classificados na categoria *Objeto/ Coleção/ Acervo* versam sobre objetos como fontes históricas (incluindo: fotografias, depoimentos, entrevistas, jornais e até mesmo edificações), como representativos de mito (objetos míticos), como objeto de referência e resistência que agrega aspectos de identidade local e memória social (objeto de transporte fabricado na Inglaterra no século XIX), como vetor da memória social (acervo ex-votivo), como eixo interpretativo da história brasileira por meio dos objetos (pinturas e esculturas). Ainda versam sobre a aquisição de coleção italiana por parte de um museu. Destaca-se estudo que discute casos de pedido de restituição e/ou repatriação de bens patrimoniais que estão sob a guarda de museus europeus.

Identificou-se no conjunto de artigos analisados que os mesmos foram desenvolvidos no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu Paulista, Escola de Enfermagem da UFBA, em salas de milagres da Bahia e em santuários do Brasil.

5.2 Categoria: Exposição museológica

As funções museais foram descritas na literatura ao longo do tempo de diversas formas, mas foi a *Reinwardt Academie* que, no final da década de 1980, delineou três funções para o museu: *preservação*, *pesquisa* e *comunicação* designando o modelo PPC. A comunicação compreende a educação e a exposição (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

A comunicação em museus está relacionada às ações desenvolvidas em um museu. Mas e a comunicação museológica? Cury explica que esta é uma subárea do conhecimento da Museologia. A autora, preocupada com a falta de distinção no emprego dos termos, e com o objetivo de dirimir quaisquer dúvidas, esclarece que “os dois termos estão ligados, mas é a comunicação museológica que fundamenta as ações comunicacionais em museus, além de construir conhecimento teórico” (CURY, 2010, p. 270).

No contexto da função comunicação que engloba a exposição como forma de comunicação, de acordo com Cury, assim como a história dos museus (de ambiente reservado para poucas coleções particulares à local de comunicação do patrimônio cultural preservado), a exposição passou por transformações. Em sua compreensão, a exposição é entendida como uma forma de comunicação (complexa e articulada com o cotidiano), ou seja, como um ambiente de interação entre dois polos: o patrimônio cultural e o público no espaço das instituições museológicas (CURY, 1999, 2005).

O termo *exposição*, no livro *Conceitos-chave de Museologia*, denota “tanto o resultado da ação de expor, quanto o conjunto daquilo que é exposto e o lugar onde se expõe” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 34). Interpretando essas denotações, com relação à exposição como resultado da ação de expor, tem-se que a mesma possibilita a visualização contextualizada de acontecimentos passados ou ausentes por meio dos objetos. Como conjunto daquilo que é exposto, a exposição engloba os objetos de museu, os objetos substitutos (réplicas, moldes, etc.), o material expográfico (vitrines, divisórias, etc.), os suportes de informação (textos, filmes, etc.) e a sinalização utilitária. Por fim, a exposição como lugar onde se expõe está relacionada ao lugar de modo geral, já que uma exposição pode ser organizada por instituições que visam lucro ou não, pode ser organizada em lugar fechado, aberto ou *in situ* (sem deslocamento do objeto) (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

No espectro da temática *Exposição Museológica* podem constar: a tipologia das exposições; a linguagem e/ou narrativa/discurso nas exposições; o planejamento e implementação de exposição; critérios de avaliação da exposição e do espaço expositivo; recursos expográficos (suportes, cor, som, luz, imagens, dentre outros); as exposições e seus mais variados públicos visitantes; documentação e divulgação da exposição; resultados obtidos e impacto social da exposição.

Nesta investigação, o conjunto de artigos classificados na categoria *Exposição museológica* somam 17 artigos, sendo sete do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, sete do PPGMus USP e três do PPGMuseu UFBA.

Quanto à afiliação científica do conjunto dos 17 artigos classificados na referida categoria, identificou-se que apenas sete artigos apresentam informação acerca da filiação. Portanto, identificaram-se artigos oriundos de projeto de pesquisa (03 artigos), de tese do docente (03 artigos) e de orientação de dissertação de mestrado (01 artigo).

Os artigos analisados que se relacionam à categoria *Exposição museológica* trazem enfoques que se centram em: exposição como estratégia de comunicação; cultura

das exposições no século XIX; concepção e montagem de exposição, organização do espaço expositivo, arquitetura e condições estruturais e ambientais (temperatura); narrativa/discurso construído pela exposição a partir dos objetos; limites de fruição; e avaliação dos resultados de uma exposição.

Dentre os tipos de exposições, identificaram-se nos artigos relatos sobre exposições do tipo histórica (exposição em que são exibidos aspectos de um período histórico específico), comemorativa (exposição que destaca um acontecimento ou uma personalidade de importância histórica ou cultural) e temática (exposição que destaca um tema específico). Concernente à duração das exposições abordadas nos artigos, foram identificadas exposições de longa duração, temporária e itinerante.

Destacam-se, ainda, nos artigos exposições ambientadas em instituições museológicas localizadas no Rio de Janeiro como o MAST, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) e o Navio-Museu Bauru. As instituições localizadas em São Paulo são: o Museu da Língua Portuguesa, o Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, o Museu de Zoologia da USP, o Museu de Antropologia e Etnologia (MAE) da USP, e a Biblioteca Municipal de São Paulo. Aparece, ainda, nos artigos o Museu Afro-brasileiro da UFBA (MAFRO).

5.3 Categoria: Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência e Tecnologia

A análise de Marta Lourenço (2009) acerca do Patrimônio de Ciência & Tecnologia (C&T), que segundo a autora é considerado 'matéria negra' no escopo do patrimônio, traz constatações preocupantes: a dispersão de parcela considerável do patrimônio em instituições não comprometidas com este tipo de coleção e que, dentre questões financeiras e até mesmo de missão institucional, não dispõem de recursos humanos abalizados para o trato das coleções; ínfima parcela do patrimônio alocada em museus; situação de vulnerabilidade da coleção; e a desvalorização deste patrimônio por pesquisadores que poderiam primar por sua conservação. Essas são algumas constatações elencadas pela autora que se remete ao contexto europeu, mas Marcus Granato (2009), estudioso deste tipo de patrimônio, adverte que este cenário se aplica também ao contexto brasileiro.

De acordo com Granato (2009) o patrimônio de C&T corresponde aos objetos, aos documentos em papel, as coleções arqueológicas, as coleções etnográficas, os espécimes de coleções biológicas e da terra, os quais são vestígios do desenvolvimento científico e tecnológico. Fazem parte também do patrimônio de C&T, as edificações arquitetônicas (laboratórios, observatórios, etc.) criadas com a finalidade de ambientar a funcionalidade dos objetos.

O patrimônio de C&T, enquanto parte do patrimônio cultural, geralmente não recebe a devida atenção. Trata-se de um patrimônio ainda carente de iniciativas de preservação tanto por parte das instituições que os alocam, como também por parte do poder público.

No Brasil, o MAST criado em 1985 com a missão de preservar a memória científica brasileira, detém um dos mais importantes conjuntos de objetos de C&T em seu acervo. A instituição vem trabalhando incansavelmente na preservação deste patrimônio sob a sua guarda. No entanto, a preocupação com este tipo de patrimônio ultrapassa o trabalho desenvolvido com seu acervo. O MAST, em conjunto com outras instituições, realizou mapeamento da existência de objetos de valor científico em todo país, a partir do projeto *Valorização do patrimônio científico e tecnológico brasileiro*,

desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisas em Preservação de Acervos Culturais (GPAC), o qual evidenciou que uma considerada parte dos objetos já foi descartada. Para além disso, a instituição desenvolve pesquisas em conjunto com instituições nacionais e internacionais, a exemplo do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC) da Universidade de Lisboa, promove eventos sobre o tema da preservação do patrimônio de C&T, sobre gestão deste patrimônio, dentre outros temas, e, ainda, oferece um curso de mestrado profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia desde 2013.

Os projetos de pesquisa desenvolvidos em Museologia e Preservação de Acervos de C&T pelo MAST no período de 1998 a 2015 constam de obra organizada por Marcus Granato (2015) em comemoração pelos 30 anos do MAST em 2015, elaborada com a finalidade de dar a conhecer o compromisso e os esforços dessa instituição com o acervo de C&T.

Assinala-se em 2017 a elaboração da Carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia. No entanto, a origem do documento se deu a partir do IV Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de Tecnologia, realizado no MAST, em dezembro de 2016.

A Carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia tem como finalidade manifestar a importância do patrimônio de C&T, bem como apresentar as diretrizes para a elaboração de políticas voltadas à sua salvaguarda. Registra, inclusive, que ações voltadas para a preservação do Patrimônio de C&T é, na esfera pública, responsabilidade do MinC, conforme Decreto nº 8.837 de 17 de agosto de 2016. A cronologia das iniciativas governamentais com vistas à preservação do patrimônio pode ser encontrada na obra de Granato (2009).

A categoria *Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência e Tecnologia (C&T)* está relacionada à história, conservação e documentação de coleções de instrumentos científicos utilizados na pesquisa e no ensino; à preocupação com o patrimônio de C&T e as ações voltadas para a sua preservação; ao levantamento da existência deste tipo de patrimônio no Brasil e, também, às políticas públicas de preservação deste patrimônio; à legislação, cartas e recomendações nacionais e internacionais sobre preservação do patrimônio de C&T; e Preservação e metodologias de tombamento.

Na referida categoria foram classificados 16 artigos pertencentes estritamente ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST.

Acerca da afiliação científica dos 16 artigos, obteve-se que alguns artigos são oriundos de projetos de pesquisa (07 artigos) e de tese do docente vinculado ao PPG (01 artigo). Os artigos oriundos de projetos de pesquisa foram financiados pelo CNPq, pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pela FAPESP, pela Fundação Vitae, pelo próprio MAST e, também, pela Fundação de Ciência e Tecnologia (FCT).

Os artigos classificados na categoria *Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência & Tecnologia (C&T)* reforçam questões sobre: a conservação de objetos culturais, contemplando o tipo de material empregado para o trabalho interdisciplinar de conservação; a conservação dos objetos considerados “fora do padrão” criados por pessoas com doença mental; a importância histórica e contemporânea do patrimônio de C&T, o mapeamento da existência de objetos de C&T no Brasil e sua condição; as intervenções em objetos de C&T; e a preocupação com o estabelecimento de políticas públicas para a preservação deste tipo de patrimônio.

A abordagem dos artigos em termos de *loci* se centra em sua maioria no próprio MAST, com incidência para o Memorial Carlos Chagas Filho e para o Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

5.4 Categoria: Teoria da Museologia

Questões sobre a Museologia como aquela que estuda a finalidade e a organização dos museus; como estudo da implementação e integração de um conjunto de atividades voltadas à preservação e ao uso da herança cultural e natural; como estudo dos objetos de museu; como estudo da musealidade; e, ainda, como estudo da relação específica do homem com a realidade, são algumas das tendências que, segundo Mensch (1994), nortearam a conformação da Museologia como área científica. O autor delineou estas tendências a partir da análise da produção científica registrada e organizada pelo ICOFOM.

As tendências de pensamento apresentadas por Mensch, de acordo com Maria Cristina Oliveira Bruno, demonstram que a conformação da Museologia como disciplina científica vem ocorrendo mediante linhas de pensamento distintos que a autora aponta compor duas grandes linhas de abordagens: “as definições pragmático-institucionais cobrem todo o universo mental e, por outro lado, as preocupações prendem-se à compreensão das relações entre o homem e o objeto” (BRUNO, 1996, p. 23).

Por sua vez, Scheiner (1998, p. 89) explica que a teoria museológica possibilita compreender o “caráter fenomênico do museu e sua capacidade de manifestar-se de diferentes maneiras no tempo e no espaço, para além das formas instituídas e/ou já reconhecidas”. Desta forma, o entendimento do museu como fenômeno perpassa pela possibilidade de compreendê-lo como processo, ou seja, atribuindo-lhe uma nova conotação ao considerá-lo “um evento, um acontecimento, uma eclosão da mente e dos sentidos” e não apenas como “espaço ou território patrimonializado” (SCHEINER, 1998, p. 144).

A teoria museológica se fundamenta, conforme Stránsky, primeiramente, na produção museológica, documentada por meio das bibliografias museológicas. O autor assinala que a teoria museológica tem seu desenvolvimento no ensino da Museologia e no trabalho de instituições especializadas dedicados à teorizar a prática museológica (STRANSKY, 1980 tradução SCHEINER, 2008).

A categoria *Teoria da Museologia* é concernente à compreensão do processo histórico de advento e de desenvolvimento da instituição museu e da Museologia como área de conhecimento, base para o fazer museológico; às reflexões sobre as experiências dos museus e da área na contemporaneidade; ao movimento da Museologia social dedicada à renovação das práticas museológicas; à compreensão de museu e Museologia em articulação com as diversas áreas do conhecimento.

Na referida categoria, classificaram-se 14 artigos. Deste total, 12 artigos pertencem ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST e dois artigos do PPGMus USP. Nenhum artigo do PPGMuseu UFBA foi classificado na categoria *Teoria da Museologia*.

No que toca à afiliação científica dos 14 artigos, verificou-se que nove artigos não apresentam informação sobre sua afiliação. No entanto, identificou-se que quatro artigos têm afiliação à projeto de pesquisa e que um artigo é oriundo de orientação de dissertação no âmbito do programa. Os artigos oriundos de pesquisa foram desenvolvidos no âmbito do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e, também, de pesquisa de

produtividade financiada pelo CNPq, intitulada *Musealização e Patrimonialização – Termos e Conceitos da Museologia em ação: identificando e explicitando indicadores teórico-práticos para aplicação*. Somam-se a estes, projeto de pesquisa que contou com financiamento de convênio firmado entre uma organização social de cultura, a Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari (ACAM Portinari) e a USP.

Os artigos classificados na categoria *Teoria da Museologia* trazem em suas abordagens questões que constituem o campo de atuação da Museologia, considerando que a consolidação desta área ou disciplina depende da sua experimentação nos museus. Há um artigo que traz à tona a clássica pergunta, debatida no âmbito do ICOFOM em 1980: Museologia, ciência ou trabalho prático em museus? Questões como o desenvolvimento sistemático e consistente da Museologia como campo disciplinar que mantém relação com outras áreas para dar conta do seu objeto de estudo. Reflexões sobre a consolidação da Museologia como campo científico, a partir da teoria de social, vislumbrando a área e os museus como lugares sociais de memória. Destaca-se artigo sobre a Museologia tcheca apresentada em uma exposição realizada no ano de 1971. Trata-se em outros artigos a linguagem de especialidade da área da Museologia, ou seja, seus termos e conceitos representativos da teoria e da prática da área em referência, com especial atenção para a musealização, patrimonialização e museu. Também é enfocada a institucionalização da Museologia no Brasil a partir de instituições de referência que marcam sua história, como o MHN, o Curso de Museus do MHN e a Inspeção de Monumentos Nacionais. Esse artigo ainda versa sobre a imposição de uma Museologia Social com características que abarcam sensibilidade, compreensão e atitude libertária, definida na Declaração do MINON 2013 forjada durante a XXIII Conferência Geral do ICOM em 2013 no Rio de Janeiro.

5.5 Categoria: Patrimônio cultural

A ideia de patrimônio cultural passou por evolução, sofreu mudanças e ampliação ao longo dos séculos, acompanhando o movimento de permanente transformação da sociedade. Passou a contemplar no seu escopo, não apenas os monumentos históricos e artísticos representativos do patrimônio, mas outras formas de expressão patrimonial até então não consideradas.

Um retrato da noção ampliada de patrimônio cultural é encontrado na Declaração de Caracas, elaborada por ocasião do Seminário *A missão dos museus na América Latina hoje: novos desafios* que ocorreu na Venezuela em 1992, sob responsabilidade do Comitê Venezuelano do Conselho Internacional de Museus (ICOM) (evento inscrito no âmbito do Projeto Regular de Cultura da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para a América Latina), que objetivou, dentre outras questões, atualizar os conceitos que foram formulados na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 20 anos antes. Assim sendo, consoante ao processo de mudanças e a proximidade do século XXI, a Declaração de Caracas registra que “o patrimônio cultural de uma nação, região ou de uma comunidade é composto de todas as expressões materiais e espirituais que o constituem, incluindo o meio ambiente natural” (UNESCO, 1992).

Sabe-se que, na atualidade, o Patrimônio cultural não se limita aos monumentos e às coleções de objetos, mas abrange, também, as tradições e manifestações de vida que são herdados dos antepassados e transmitidos às gerações futuras.

São considerados patrimônio cultural no contexto da evolução do termo: as formas de expressão; os modos de criar, de fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações voltadas às manifestações artístico-culturais; e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Na categoria *Patrimônio cultural* englobam-se discussões sobre o patrimônio etnográfico, religioso, urbano, material e imaterial.

Os artigos classificados na categoria *Patrimônio cultural* somam 13 artigos. Deste total, sete artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e os demais são do PPGMuseu UFBA. Não houve incidência de artigos do PPGMus USP.

A maioria dos artigos classificados nesta categoria não apresentou sua afiliação. Apenas um artigo citou ter afiliação científica a projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do MAFRO da UFBA.

Os artigos classificados na categoria *Patrimônio cultural* foram divididos de acordo com o seu enfoque em *Patrimônio etnográfico* (06 artigos), *Patrimônio Religioso* (03 artigos), *Patrimônio Imaterial* (02 artigos) e *Patrimônio Urbano e Arquitetônico* (02 artigos).

Nos artigos que abordaram o *patrimônio etnográfico*, todos pertencentes ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST, constatou-se que os mesmos versam sobre: a etnografia de um povo indígena (Ticuna) que vive na fronteira entre o Brasil, a Colômbia e o Peru e sua coleção de artefatos rituais retirada do contexto social e cultural da sua produção por coleta de um etnógrafo alemão, durante os anos de 1941 e 1942, para o Museu Paraense Emílio Goeldi e para o Museu Nacional. Assim, a coleção de artefatos etnográficos em museus é discutida em termos de apropriação patrimonial, mas também de preservação e conservação desses objetos; A vivência dos Ticunas no momento atual é investigada. Há referência ao trabalho de pesquisadores etnográficos no Brasil, enfocando o financiamento das pesquisas e o registro das mesmas por meio de artigos publicados em revistas especializadas e livros.

No âmbito do *Patrimônio Religioso*, os artigos se dedicam a: focar uma cidade brasileira, especificamente na Bahia, edificada ao pé de um morro, palco de peregrinação religiosa por suas romarias; a Arte-Sacra representada nos modelos de retábulos do século XVIII em Salvador, Bahia; e a apresentar a formação de uma tradição retábulística desenvolvida na Bahia oitocentista, além de especificar o trabalho de um entalhador baiano na criação do retábulo-mor da Catedral da Sé de Campinas, para onde migrou.

Em termos de *Patrimônio imaterial*, um dos artigos traz reflexões acerca de narrativas míticas de povos indígenas, estritamente os Guarani Mbyá, com aldeamentos no Rio de Janeiro visitados pelo docente, abordadas em sua dupla característica de instituinte do patrimônio imaterial e de discurso fundador de significados, de modo a compreender propriedades do discurso religioso do grupo indígena. Outro artigo versa sobre práticas culturais de expressiva herança afrodescendente da Colômbia e do Brasil, o Carnaval de Barranquilla, o Palenque de San Basílio e o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, respectivamente. As práticas culturais em questão foram distinguidas como Obras Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade.

Nos artigos em que foram identificados o *Patrimônio Urbano* e o *Patrimônio Arquitetônico*, um deles traz em sua abordagem a análise do surgimento do conceito de “saúde cultural” aportado pela relação Museologia, Patrimônio e Cidadania, coadunando as considerações das cidades contemporâneas como espaço para viver,

representativas de memória e patrimônio. Já o outro artigo se refere ao Patrimônio Arquitetônico da Bahia por meio de seus escritos publicados em jornais.

5.6 Categoria: Ação cultural e educativa em museus

No âmbito da função social dos museus que ensejou mudança no perfil de atuação dos museus (da coleção ao público), a interface com a sociedade ocorre por meio de ações culturais e educativas. Nesse sentido, de acordo com Cury, o museu se realiza como museu com o público, pois são os usos que o público faz do museu que lhe dão forma social. Mesmo o museu sendo um sistema, o público agrega qualidades e valores à sinergia (CURY, 2004). No entanto, Cury alerta que o agregar valor se relaciona à contribuição dada pelo público ao significado de patrimônio cultural, algo que não se aplica apenas à sua presença, pura e simplesmente, mas à sua capacidade crítica.

Historicamente, a educação em museus se diversificou no século XIX em consonância com a abertura dos museus a um público mais amplo e variado e com o redirecionamento de suas finalidades, que incluía o diálogo com as instituições educativas formais. Contudo, foi a partir da segunda metade do século XX que a função educativa, acompanhando o momento de democratização do acesso aos museus, passou a ser prioridade, embora desenvolvida de forma pouco organizada (MARTINS, 2011).

Durante o período em questão, de acordo com Bruno (1995), a discussão em torno da temática foi uma constante em eventos da área da Museologia, tais como o Seminário Internacional da UNESCO, em 1952, sob o título de *O papel dos museus na educação*; Na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972; na Declaração de Quebec em 1984 e na Declaração de Caracas em 1992. Em discussão nos referidos eventos e documentos a função social e a função educativa dos museus.

A educação é vista como uma forma de promover ao público o aprendizado no uso dos museus, o que pode abranger, dentre outras questões, seu funcionamento, seu modo de operacionalização, a compreensão da sua função social e dos seus processos museológicos (MENESES, 2000).

A educação em museus, conforme definição na obra *Conceitos-chave da Museologia*, é “um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante” (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013, p. 38).

No contexto da função comunicação, que engloba a educação, Scheiner alerta que “o importante não é onde se aprende, mas o *que e como* se aprende, sendo o objetivo maior o próprio processo da construção do conhecimento”, daí as formas de interação com o público, sugeridas pela Museologia, como exposições itinerantes, mostras em locais de movimentação fora do espaço dos museus, atividades extra-muros, dentre outras (SCHEINER, 1992, p. 16)

A *Ação cultural e Educativa em museus*, promotora de uma gama de benefícios para a sociedade, está relacionada às mais diversas propostas de ações que objetivam mobilizar conhecimentos (saberes, habilidades e atitudes) relacionados com os museus e promover a sensibilização do público e novas experiências ao mesmo.

Nesta investigação, classificaram-se na categoria *Ação cultural e Educativa em museus* 12 artigos, sendo oito do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, três do PPGMus USP e apenas um do PPGMuseu UFBA.

Com relação à afiliação científica dos doze artigos, levantou-se que apenas cinco trouxeram informação sobre sua afiliação. Essa está atrelada à projeto de pesquisa (04

artigos) e supervisão de estágio (01 artigo). Os artigos oriundos de projetos de pesquisa foram desenvolvidos com recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e também em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF).

Nos artigos classificados na categoria *Ação cultural e educativa em museus*, percebe-se que as discussões giram em torno do reconhecimento de que a cultura pode ser ampliada e aperfeiçoada com o estreitamento da interação entre a educação formal e não formal, sendo, portanto, os museus considerados espaços de destaque nesta interação. Há estudo que descreve a trajetória de ações educativas do MAST, isto porque os museus de ciência, por sua história e característica particular, mantêm forte ligação com a questão educacional. Destacam-se, também, enfoques acerca da prática pedagógica mensurada por meio de visita ao museu e reflexões sobre a formação de mediadores em museus e de como as instituições museológicas podem contribuir no processo formativo e, também, para possibilitar o conhecimento de áreas em específico (exemplo: Paleontologia e outras). Discute-se, ainda, os projetos culturais de uma determinada instituição ou equipamento cultural viabilizados por obtenção de recursos públicos por meio de participação em editais, considerados principais fontes de recursos.

As ações culturais e educativas apresentadas nos artigos foram desenvolvidas no MAST, MAE/USP e MAE/UFBA. Destacam-se em alguns artigos o trabalho integrado entre os museus e escolas.

5.7 Categoria: Instituições museológicas no Brasil

Data do século XIX a origem dos museus no Brasil, ao que Lopes atribui a dois momentos considerados marcos da cultura brasileira: “a transição para o século XIX, caracterizada pela crise do Antigo Sistema Colonial e a transferência da monarquia portuguesa para o Brasil” e “os anos inaugurados pela década de 1870 (...) período de “bando de ideias novas” e de “ebulição intelectual do país” (LOPES, 1997, p. 12).

O século XIX é representativo da inserção dos padrões institucionais europeus no Brasil. Precisamente, em 1818 foi criado o primeiro museu do Brasil, o Museu Real instalado no Campo de Santana, no Rio de Janeiro. O Museu Real nasceu motivado pela intenção da monarquia portuguesa de criar uma instituição destinada às questões científicas, daí o Museu Real se tornar um museu de história natural. Seu acervo englobava objetos trazidos por naturalistas, instrumentos e coleções mineralógicas, artefatos indígenas e objetos doados pela Coroa portuguesa.

Mais tarde, outras instituições de cunho museológico foram surgindo no Brasil em outros locais como o Museu Paraense Emílio Goeldi, criado em 1866, em Belém do Pará e o Museu Paranaense em Curitiba criado em 1876. Em 1895, já no período republicano, foi criado o Museu Paulista em São Paulo na condição de Museu de História Natural. Este, posteriormente, tornou-se marco representativo da independência do Brasil, da história do país e do Estado de São Paulo (LOPES, 1997).

Estes museus foram, portanto, “um ponto de partida para a formação dos acervos, que então combinavam elementos das ciências humanas e naturais, era a busca de compreensão sobre as origens do homem brasileiro” (DUARTE CÂNDIDO, 2014, p. 37).

A chegada do século XX, com suas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, gerou um sentimento nacionalista e, conseqüentemente, de

valorização da cultura. Tanto que data de 1922 a criação do MHN, cuja criação e trajetória marcou a institucionalização do ensino da Museologia no Brasil.

Segundo Mário Chagas (2003), o século XX marca a manifestação do fenômeno museológico no Brasil devido, sobretudo, aos projetos de construção da memória nacional suscitados no período republicano, mas não apenas por isso. Assim, o século XX é considerado o século dos museus no Brasil em consonância com desenvolvimento quantitativo das instituições museológicas (surgimento dos museus especializados, dos primeiros museus universitários, dentre outras tipologias de museu) e, também, em acompanhamento ao movimento intelectual que estava acontecendo no cenário internacional (RANGEL, 2011).

No tocante aos acontecimentos do século XXI, merece destaque o investimento em política cultural que colocou as instituições museológicas como centro das ações. Daí, a criação da PNM, do SBM, do CNM e, por fim, do IBRAM, o que reflete que as instituições museológicas ocuparam espaço na seara da administração pública.

O Brasil, conforme dados do CNM (responsável por recolha, registro e disseminação de informações sobre museus), possui um número superior a 3.000 museus (históricos, arqueológicos, etnográficos, biográficos, de artes, ecomuseus, museus de sítios, virtuais). Em 2011 o IBRAM publicou o Guia dos Museus Brasileiros, que registrou a existência de 3.118 museus (incluindo 23 museus virtuais) no território nacional. Passados seis anos do levantamento que culminou com a publicação do guia em questão, certamente faz-se necessário a atualização deste quantitativo.

A categoria *Instituições museológicas no Brasil* está relacionada com a origem, desenvolvimento e representação dos museus brasileiros, com a sua história ao longo dos séculos e com as diversas tipologias de museus.

O conjunto de artigos classificados na categoria *Instituições museológicas do Brasil* somam 12 artigos. Deste total, sete artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, três artigos do PPGMus USP e dois artigos são do PPGMuseu UFBA.

Quanto à afiliação científica dos 12 artigos, evidenciou-se que sete artigos não apresentam informação sobre sua origem, enquanto que cinco trazem tal informação. Constataram-se, assim, que os cinco artigos possuem filiação à projeto de pesquisa (01 artigo), projeto de pós-doutoramento (01 artigo) e orientação de dissertação (03 artigos). No caso do projeto de pós-doutoramento do docente, o mesmo foi realizado no Museu Paulista, sob o título de *Matrizes da preservação de bens culturais na Bahia (1918-1959)*.

O conjunto de artigos classificados na categoria *Instituições museológicas no Brasil* trazem a institucionalização dos museus e, sobretudo, a sua institucionalização no território brasileiro, consoante a proliferação de museus em todo o mundo no século XX. A maioria dos artigos discute a trajetória de criação dos museus de ciência, enfocando-o a partir da perspectiva da História da Ciência. Além deste tipo de museu, outras diversas tipologias de museus têm sua história de criação, manutenção, funcionamento, estrutura, desafios a serem enfrentados, práticas museológicas e estratégias de preservação do patrimônio, apresentados nos estudos. Reflexões sobre como os museus se aproximaram da sociedade, os tipos de museus que apresentam mais proximidade com a prática turística.

Assim sendo, constam dos artigos classificados nesta categoria: a história, o desenvolvimento e a representação dos seguintes museus: Museu Paulista, Museu de Zoologia da USP, Museu de Arte Moderna do Brasil (hoje Museu de Arte Contemporânea – MAC USP), Museu de Arte Sacra de Paraty, Museu do Estado da

Bahia, Museu do Marajó e Museu-Casa. Nesta última tipologia, foram explorados os Museus Casa de personalidades brasileiras como a poetisa Cora Coralina, o artesão Mestre Vitalino e o ativista ambiental Chico Mendes, que compuseram um único artigo. Também constam dos artigos o Museu Casa do poeta modernista Guilherme de Almeida que participou da Semana de Arte Moderna em 1922. Destacam-se, em um dos artigos, categorias e tipologias como o *Museum Bus*, museu ao ar livre, museu de sítio, o ecomuseu ou museu comunitário, na perspectiva da abertura à comunidade com vistas à preservação de suas tradições e costumes.

5.8 Categoria: Função Social dos Museus

A partir da realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, acerca do papel dos museus na América Latina, foi imputado aos museus mudanças no modo tradicional que os caracterizava. Desta feita, foi-lhes imputado um papel social que os levaria, a partir de então, a comprometerem-se com problemáticas do presente, com questões comunitárias, educacionais, culturais e ambientais (CURY, 2005).

A Mesa Redonda de Santiago do Chile, juntamente com a realização, na França, do Colóquio *Museus e Meio Ambiente*, também em 1972, constituem-se os marcos fundadores da Nova Museologia, apesar de discussões anteriores no âmbito de outros eventos (DUARTE CÂNDIDO, 2014).

A chamada Nova Museologia, surgida a partir da década de 1970, designa uma faceta renovada da Museologia tradicional. Não se trata, portanto, de uma outra Museologia, mas sim de importantes movimentos de renovação surgidos em decorrência das transformações e ampliações conceituais na Museologia que culminaram na necessidade de repensar os museus tradicionais de modo a lhes incorporar uma nova função: a social (DUARTE CÂNDIDO, 2007, 2014), evidenciando, portanto, a prioridade da ação museal na esfera da intervenção social (MOUTINHO, 1989). A busca por um movimento de renovação da prática museológica.

A função social dos museus perpassa pelo entendimento de que a instituição museu não pode existir alheia aos acontecimentos e à dinâmica da sociedade, o que implica no seu compromisso com as questões que fazem parte da sociedade em que está inserido.

Por essa razão, o discurso e a ação dos museus devem ser plurais, multilíngues e multifacetadas assim como se apresentam as experiências das diferentes sociedades (HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2006).

O conjunto de artigos classificados na categoria *Função Social dos Museus* somam 11 artigos. Deste total, 10 artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e um artigo é do PPGMuseu UFBA. Não houve artigos do PPGMus USP classificados nesta categoria.

Quanto à afiliação científica dos 11 artigos, evidenciou-se que oito artigos não apresentam tal informação, sendo, portanto, apenas três artigos com menção à sua origem. No caso, o primeiro deles é fruto de discussões no âmbito de unidade curricular de um dos programas de pós-graduação em Museologia investigados, o segundo na orientação de dissertação de mestrado defendida junto à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Portugal sob o título de *O museu como vetor da inclusão cultural* e, por último, um artigo com origem em orientação de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Museologia intitulado *Museus e ações*

afirmativas: Perspectivas de aplicação da Lei Federal 10.639/03 no Museu Afro-Brasileiro de Sergipe – MABS.

Desse modo, o conjunto de artigos classificados na categoria *Função Social dos Museus* discute questões como: a aderência da instituição museu às mudanças sociais e culturais ocasionadas pela globalização, reforçando a responsabilidade dos museus. Traz questões sobre a necessidade de reinvenção do museu em face, na contemporaneidade, do avanço da técnica, da ciência e da arte, que levam o museu a ser um espaço vivo e não apenas um espaço de contemplação, elitista e sagrado. Os desafios dos museus no contexto de abordagem de questões atuais como a degradação do meio ambiente e preocupação com a sua preservação. Ainda, nos artigos, percebe-se o museu encarado como intelectual-coletivo que é considerado como condutor dos que se encontram em processo de aprendizagem, como um acontecimento histórico, político e ideológico no cotidiano das cidades. Assinala-se, por fim, a discussão sobre a influência do pensamento do educador brasileiro Paulo Freire na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. O pedagogo brasileiro foi convidado a presidir a Mesa-Redonda de Santiago do Chile pelo museólogo francês Hugues de Varine Bohan, então Presidente do ICOM de 1968 a 1974. A participação de Paulo Freire no evento foi vetada pelo delegado brasileiro da UNESCO por questões políticas (VARINE, 2012; ALVES; REIS, 2013).

Em termos de instituição, observou-se que dois artigos foram desenvolvidos no âmbito de instituições museológicas: um deles, num estudo de caso comparativo, aborda o Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro – Brasil) e o Jardim Botânico José Celestino Mutis (Bogotá - Colômbia). O outro artigo explora a função social do museu no âmbito do Museu Afro-Brasileiro de Sergipe (MABS).

5.9 Categoria: Museu, Memória e Movimentos Sociais

A relação da Museologia e dos museus com os conteúdos da memória é fato. A partir da origem do termo museu, reconhece-o como lugar de construção de memória e lugar de poder ao mesmo tempo. É interessante perceber que os dois conceitos (memória e poder) fazem parte de todas as instituições museológicas, além de manterem relação permanente. Portanto, observa-se em algumas instituições museológicas o modelo de celebração da memória do poder e em outras a celebração do poder da memória (NORA, 1984; CHAGAS, 1999).

Em linhas gerais, a perspectiva de celebrar a memória do poder está relacionada às questões de autoridade, prestígio social e predomínio de um grupo (social, étnico, religioso ou econômico) sobre outro grupo, onde o trabalho das instituições museológicas é pouco democrático. Já a perspectiva do poder da memória ratifica o poder dos museus como instituições comprometidas com a sua função social, instrumentalizando os indivíduos e grupos diversos (CHAGAS, 1999).

As instituições museológicas têm recebido a demanda de diversos grupos e movimentos sociais que a partir do reconhecimento da importância de suas memórias primam por sua preservação como forma de afirmação e poder no âmbito da sociedade. Tal percepção tem feito com que os grupos ou movimentos sociais sejam, cada vez mais, partícipes da escrita ou narrativa de suas memórias no palco dos museus, integradas aos objetos das coleções museológicas.

Ao considerar a memória como fundamental para grupos ou movimentos sociais devido à sua ligação com a conformação identitária dos mesmos, Verena Alberti (2011,

p. 167) destaca que a memória “(...) é o resultado de um trabalho de organização e seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência - isto é - de identidade”.

No Brasil, o Museu da Maré no Rio de Janeiro, o Museu Magüta no Amazonas e o Museu Casa de Chico Mendes no Acre são alguns exemplos de museus relacionados à representação da memória de grupos e movimentos sociais de origem diversa. Esses museus foram criados para registrar, preservar e divulgar a história e a identidade destes segmentos sociais, conseqüentemente, expressando os sentimentos descritos por Alberti (2011). Para além disso, evoca-se o caráter pessoal da memória, mas, sobretudo, o caráter familiar, grupal, social (BOSI, 1987), reforçando que as memórias são mais coletivas que individuais porque se vive em sociedade. Vive-se em uma sociedade que interage constantemente.

A categoria *Museu, Memória e Movimentos Sociais* aqui está relacionada aos museus e sua ligação inexorável com a memória. Também se relaciona ao reconhecimento dos museus como espaços férteis de divulgação da memória, de afirmação da identidade cultural dos mais diferentes grupos ou movimentos sociais.

Nesta investigação, classificaram-se na referida categoria 10 artigos, sendo cinco artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e cinco artigos do PPGMuseu UFBA. Não houve artigo do PPGMus USP classificado nesta categoria.

Com relação à afiliação dos artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, verificou-se que são oriundos de trabalhos já apresentados em eventos. Um deles cita ter tomado como base uma comunicação realizada no Simpósio ICOFOM que ocorreu no Rio de Janeiro em 1997. Quanto à filiação dos artigos do PPGMuseu UFBA, evidenciou-se que os artigos são originários de: trabalho em evento (01 artigo), no caso do *X Congreso Argentino de Antropología Social*, especificamente no Grupo de Trabalho *De ecologias riesgos y conservaciones: la relación naturaliza-cultura em la antropologia del siglo XXI*; projeto *Ações Afirmativas Museológicas* desenvolvido no âmbito do MAFRO/UFBA com o objetivo de reconhecer e afirmar as práticas desenvolvidas por organizações negras (02 artigos); trabalho apresentado no *III Congreso Internacional de Estudios Caribeños*, evento realizado na *Universidad del Magdalena* na Colômbia, no ano de 2014 (01 artigo); e, trabalho de pesquisa realizado no âmbito das disciplinas Laboratório de Cultura Material Africana e Afro-Brasileira e Arte Decorativa, ambas do Curso de Graduação em Museologia da UFBA, o qual contou com a colaboração de docente portuguesa vinculada ao Instituto de Investigação Científica e Tropical de Lisboa (01 artigo).

Os artigos classificados na categoria *Museus, Memória e Movimentos Sociais* se dedicam a: encarar o museu como terreno fértil de disseminação da memória social, já que em seu espaço são instauradas práticas e representações da cultura; refletir sobre o interesse que o museu vem despertando nos mais diversos tipos de movimentos sociais, a exemplo de movimentos étnicos-raciais, movimentos que lidam com questões de gênero, movimentos rurais, dentre muitos outros; discutir a idealização do Programa Pontos de Memória do DEMU do IPHAN, criado com o objetivo de fomentar a participação popular em questões voltadas à memória social e aos museus; discutir as mobilizações sociais indígenas e apresenta a título de exemplo um museu criado com a participação de índios e por eles gerido, o Museu Magüta; apresentar o Cemitério do Campo Santo, considerado um museu a céu aberto e sítio histórico da cidade de Salvador que abriga em seu espaço obras de arte e registros epigráficos (inscrições nas lápides) nos mausoléus, que expressam a história social, política e religiosa do povo;

discutir a compreensão de objetos (especificamente roupas ou trajes) do século XIX, que na contemporaneidade são indumentárias, representativos da identidade de um grupo social específico, no caso as mulheres negras no contexto da sociedade da Bahia e do Brasil como um todo; discutir o patrimônio cultural afrodescendente e a sua construção a partir de memórias ancestrais que são materializadas; analisar as memórias africanas dos escravizados na América Latina e no Caribe a partir de dois autores afro-latino-americanos: o brasileiro Manuel Raimundo Querino (1851- 1923) e o colombiano Manuel Zapata Olivella (1920-2004); e apresentar reflexões sobre uma festa (Carnaval Barranquilla) e suas expressões da cultura tradicional.

5.10 Categoria: Estudo de público

Considerando as mais diversas compreensões de museu como ambiente de socialização, ambiente que possibilita interação social, vivências afetivas, sensoriais, intuitivas e cognitivas, resume-se que o museu é o ambiente que possibilita interação entre o patrimônio cultural e o público.

O conhecimento desta interação, diálogo ou relação público-museu é uma tarefa dos chamados Estudos de público (*visitors studies*), os quais tomaram corpo no início do século XX, com surgimento nos Estados Unidos. No Brasil, também no início do referido século, o Museu Nacional já registrava a presença de notáveis figuras em um Livro de Ouro e no Livro dos visitantes a quantidade de visitas (KÖPTCHE, 2010). Na Europa, tem-se o registro de visitas a museus de Portugal por viajantes estrangeiros ao longo dos séculos XVIII e XIX no livro *Os viajantes e o 'livros dos museus'* (BRIGOLA, 2010).

Menciona-se a clássica obra de Pierre Bourdieu e Alan Darbel intitulada *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*, originalmente publicada em francês no ano de 1966, a qual apresenta uma investigação realizada por meio da aplicação de questionário com milhares de visitantes dos museus europeus (França, Espanha, Grécia, Itália, Holanda e Polônia). Trata-se de um estudo de público de museus com a finalidade de saber o porquê alguns visitantes possuem uma matriz cultural que possibilita uma museofilia e outros não, desprovidos dessa oportunidade sem saber compreender ou ler os museus de arte na Europa (BOURDIEU; DARBEL, 2007).

A relação público-museu contempla diversas questões “desde os diversos tipos de museus até os diferentes públicos, estes desdobrados segundo gênero, idade, formação e procedência, entre outros” (VALENTE; CAZELLI; ALVES, 2005, p. 184).

Assim, os estudos de público de museus têm sido realizados com frequência e interesse crescente, pois averiguam questões como: o perfil do visitante, seus gostos, suas preferências culturais, sua opinião sobre a experiência vivida no museu, o impacto cognitivo no visitante, além do impacto econômico das grandes exposições que atraem grande número de visitantes de outras regiões, o que possibilita aos museus planejarem melhor sua programação e fomentar cada vez mais a frequência e fidelização do público. Áreas, portanto, como Comunicação Social, Ciência da Informação e Documentação, Psicologia, História, dentre outras, tornam-se significativamente contributivas aos Estudos de público em museus (COSTA; BRIGOLA, 2014).

Os Estudos de público podem ser de cunho avaliativo e investigativo. Os do tipo avaliativo correspondem às partes que integram processos de exposições e atividades de natureza educativa e cultural. Já os estudos de público investigativos são estudos de

cunho teórico e acadêmico que se dedicam a conhecer o público visitante e o não-visitante, seu perfil, seu comportamento, seus aspectos afetivos, cognitivos, motivacionais, dentre outros (STUDART, 2000; STUDART; ALMEIDA; VALENTE, 2003).

Segundo consta da obra *Conceitos-chave de Museologia*, público significa “o conjunto de usuários do museu (público dos museus), mas também, por extrapolação, a partir do seu fim público, o conjunto da população à qual cada estabelecimento se dirige” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 87). Na compreensão de Desvallées e Mairesse, o conceito de público é central nas definições contemporâneas de museu. Assim, é notória a utilização de outros termos derivados ou associados à noção de público, tais como: usuário de museu, povo, população, grande público, público específico, público numeroso, não público, público distante ou impedido, público com deficiência, visitante, observadores, espectadores, consumidores, audiência, frequentador (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

Pelo exposto, observa-se um grande espectro de denominações, algo que segundo Cury (2015) pode motivar profícuas discussões na área da Museologia. Tanto que a autora propôs a categorização dos termos na tentativa de reuni-los por aproximação, a exemplo de usuário e consumidor, visitante e não visitante ou público e não-público, dentre outros.

O conjunto de artigos classificados na categoria *Estudo de público* totalizam nove artigos, sendo que deste total seis artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, dois artigos são do PPGMus USP e um artigo é do PPGMuseu UFBA.

Quanto à afiliação dos nove artigos, evidenciou-se que seis artigos mencionaram ser filiados à projeto de pesquisa (02 artigos), projeto de iniciação científica (01 artigo) e projeto de extensão (01 artigo). Identificaram-se, também, artigos oriundos de orientação de dissertação (01 artigo) e com origem na tese do docente (01 artigo).

Os artigos classificados na categoria *Estudo de público* versam sobre a percepção do público acerca dos museus concernente à imagem que o público tem desta instituição e a relação público-museu. Enfocam questões de como o público entende e valoriza o patrimônio cultural. Reforçam a necessidade de realização de estudos acerca dos diferentes tipos de audiências de público em museus (espontânea, programada e estimulada) de modo que conhecendo a diversidade das audiências o museu possa ter impacto social mais preciso e contundente na sociedade. Ainda, nos artigos, percebe-se o discurso de que o público é o sujeito, não mais passivo, dos processos museológicos.

Os artigos classificados como *Estudo de público* foram desenvolvidos no âmbito do MAST, do Morro do Corcovado, de escolas do Rio de Janeiro e de São Paulo, do Museu Água Vermelha de Arqueologia Regional em São Paulo, do MAE/USP, do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte e do MAFRO/UFBA. Nesse sentido, os artigos realizados nos espaços já citados, tiveram como sujeitos estudantes de escolas do ensino fundamental públicas e privadas do Rio de Janeiro (pesquisa realizada *in loco*) e de São Paulo (pesquisa realizada no museu após visita à exposição), estudantes do ensino médio, mas também o público visitante em geral, os quais forneceram dados, de acordo com o objetivo de cada estudo, por meio de questionário, instrumento de coleta de dados mais comum neste tipo de estudo, mas também por textos e imagens produzidos.

5.11 Categoria: Documentação museológica

A documentação museológica, diferentemente da exposição que é um aspecto mais conhecido e visível nos museus, configura-se por ser um trabalho de certa forma imperceptível por parte do público e até mesmo inacessível (BARBUY, 2002).

A documentação museológica, enquanto atividade de gestão do acervo que acompanha o trajeto do objeto a partir de sua entrada no museu até a exposição, é um instrumento que possibilita a localização de itens da coleção, bem como o controle do deslocamento da coleção, seja interno ou externamente. Também é fonte de pesquisa e um instrumento auxiliar para o desenvolvimento de exposições, além de embasar outras atividades do museu (LOUREIRO, 1998).

Daí a importância de que os museus possuam um sistema de documentação que assegure, na perspectiva de Hernández-Hernández (2001), três características: confiabilidade (contemplar todos os processos de documentação), flexibilidade (adaptação aos mais diferentes tipos de museus e de coleções) e economia (no sentido de que o sistema ofereça a informação necessária no menor tempo possível).

Ao que Cerávolo e Tálamo (2002) explicam que um sistema de documentação engloba três eixos que atendem às necessidades informativas de modo distinto: o administrativo voltado para o trabalho de tratamento das coleções, o curatorial para o trabalho de pesquisa e o documental para o trabalho de identificação dos objetos/coleções. No entanto, apesar dos três eixos trabalharem de modo diferenciado, faz-se necessário que o desenvolvimento do trabalho seja atrelado.

Nesse sentido, a categoria *Documentação museológica* tem em seu rol conteúdos sobre: Sistemas de documentação/informação de acervos museológicos; Adoção de vocabulário controlado; Formação, registro, classificação, catalogação, inventário e acondicionamento de coleções; Coleções de objetos tangíveis e indicadores culturais intangíveis; Catalogação, classificação e indexação de acervos; Implantação de sistemas informatizados; documentação dos processos de conservação e restauração; política de segurança de dados; e acesso da documentação a pesquisadores.

Os artigos classificados na categoria *Documentação museológica* somam seis artigos. Deste total, quatro artigos são do PPGMuseu UFBA e dois artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST. Não houve incidência de artigos do PPGMus USP.

Em termos de filiação dos artigos, evidenciou-se que três artigos não apresentam tal informação, enquanto outros três artigos registraram sua filiação a projeto de pesquisa (02 artigos) e projeto de iniciação científica (01 artigo). Um dos projetos de pesquisa tem como título *A musealização do patrimônio arqueológico em Sergipe: estudo de caso sobre os processos de documentação no MAX/UFS* e o outro é relacionado ao projeto *Documentação museológica: organização e tratamento da informação para coleções de objetos científicos*.

O conjunto de artigos classificados na categoria *Documentação museológica* apresenta como o Núcleo de Memória da Museologia (NUMMUS) da UNIRIO organizou e tratou documentos oriundos de personalidades que contribuíram para a formação e atuação profissional na área da Museologia, de modo a destacar a memória e os vestígios de uma série de documentos representativos de uma memória coletiva. Em outro estudo, destaca-se a análise do processo de gestão de acervo, sinalizando como a documentação museológica auxilia as instituições museológicas na potencialização do acervo como indicador de memória. Traz uma proposta de criação de um Centro de Documentação do Patrimônio Arquitetônico junto à Faculdade de Arquitetura da UFBA

tendo como princípio que a documentação é a primeira ação para a salvaguarda dos bens culturais. Em seguida, o foco no registro documental de uma coleção específica, objeto de estudo do artigo, considerando que ao investigar uma coleção museológica se tem a oportunidade de revisar os conceitos básicos tratados pela Museologia, principalmente no tocante à documentação, de forma a tecer argumentos para a compreensão dos objetos e suas implicações.

Em termos de instituição, os artigos foram desenvolvidos no NUMMUS da UNIRIO, no Museu de Arqueologia de Xingó (MAX) da UFS, no MAFRO/UFBA, na Faculdade de Arquitetura da UFBA e no Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio do Departamento de Engenharia de Transportes e Geodésia da Escola Politécnica da UFBA.

5.12 Categoria: Narrativa biográfica

O conceito de biografia diz respeito ao todo biográfico narrado, uma construção realizada de algo passado, tanto pelo indivíduo quanto pelos pesquisadores ou biógrafos, com a finalidade de descrever de modo coerente um conjunto de histórias de vida, possibilitando um conhecimento prévio de histórias passadas (BOURDIEU, 1996).

A *Narrativa biográfica* está relacionada à possibilidade de apreensão do papel histórico desempenhado por determinada personalidade, à sua dinâmica pessoal e coletiva no desenvolvimento de atividades, seu contributo científico e profissional para uma área de conhecimento específica, dentre outras questões. Para tanto, impõe-se uma “eleição e organização de resíduos biográficos capazes de dar corpo a uma forma narrativa que represente, de maneira coerente, o sentido projetado sobre o indivíduo biografado” (SOUZA, 2011, p. 81).

Assim, a categoria *Narrativa biográfica* nesta pesquisa corresponde às trajetórias individuais de pessoas que contribuíram para a Museologia, sendo essas pessoas consideradas testemunhas privilegiadas de um momento histórico específico da área.

Classificaram-se na categoria *Narrativa biográfica* seis artigos, sendo quatro do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, um para o PPGMus USP e PPGMuseu UFBA, cada.

Com relação à filiação dos seis artigos, identificou-se que apenas dois artigos mencionaram ser filiados à projeto de iniciação científica (01 artigo) e projeto de extensão (01 artigo), enquanto os demais não especificaram informação acerca de sua origem. O projeto de iniciação científica foi realizado entre 2006 e 2007 sob o título de *Projeto Museologia Baiana: inventário de fontes bibliográficas*, já o projeto de extensão intitulava-se *Centenário de Lygia Martins Costa: uma reflexão sobre histórias de vidas pioneiras*, desenvolvido em articulação com projeto de pesquisa *Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil*, tendo como base de pesquisa o acervo documental do NUMMUS.

Observaram-se nos artigos classificados na categoria *Narrativa biográfica*, estudos sobre a contribuição de Lygia Martins Costa, egressa do Curso de Museus do MHN, para a Museologia brasileira e também para o Patrimônio dada a sua atuação como Museóloga do MNBA entre 1940 e 1951 e do IPHAN entre 1952 e 1996. Também na seara da Museologia, destaca-se o artigo que apresenta a contribuição de José Antônio do Prado Valladares, considerado “um homem de museus” pelo trabalho desenvolvido no Museu do Estado da Bahia sob sua direção no período de 1939 a 1959.

Valladares é autor da clássica obra *Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos* e detentor de vasta bibliografia sobre os museus publicada em jornais da Bahia. Outro artigo se volta para abordar a biografia de Isidoro Valcárcel Medina, precursor das práticas artísticas da Espanha, que expôs no MAC/USP em 1976 a convite do então diretor do museu Walter Zanini, o que afirmou o papel do MAC/USP como disseminador da vanguarda artística internacional entre as décadas de 1960 e 1970. Destacam-se dois artigos, em viés relacional com a História da Ciência, que discorrem sobre a figura de Ângelo Moreira da Costa Lima, um importante cientista da pesquisa entomológica, que durante o tempo que passou no Museu Nacional do Rio de Janeiro, por suas pesquisas, possibilitou que o referido museu passasse a ser reconhecido não só pela atribuição de divulgador e preservador de objetos ou artefatos da história e memória brasileira, mas também como centro de pesquisa brasileiro no combate às pragas agrícolas.

5.13 Categoria: Ensino em Museologia

A história do ensino da Museologia no Brasil tem início com a criação do MHN em 1922 e dez anos depois com a efetiva criação do Curso de Museus pelo MHN.

Com base na literatura (SÁ, 2007), (CHAGAS, 2009), (SIQUEIRA, 2009), (TANUS, 2013) e no percurso da investigação de Costa (2017), considera-se pertinente dividir a história do ensino da Museologia no Brasil em seis momentos: o primeiro com a criação do Curso de Museus do MHN, em 1932, sob a batuta de Gustavo Barroso; o segundo, quando da criação do segundo curso de Museologia, em 1969, sendo o primeiro curso criado dentro de uma universidade, no caso na UFBA; o terceiro, quando o Curso de Museus do MHN obtém *status* de curso universitário (que se deu em 1951) culminando, em 1979, com a sua transferência para a UNIRIO; o quarto com a criação do terceiro curso de graduação em funcionamento em IES privada, em 1975; o quinto momento com a criação do curso *lato sensu* em Museologia idealizado por Waldisa Rússio em São Paulo no ano de 1977; o sexto momento com o *boom* dos cursos de graduação em Museologia, a partir de 2003 os quais têm em seu projeto político pedagógico forte tendência interdisciplinar motivada por profícua relação com outras áreas de conhecimento, especialmente, com a Ciência da Informação. Acrescenta-se aos momentos descritos, a criação de programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia.

Coelho (2015), enfoca o momento de gestação do pensamento museológico brasileiro com base em dois vieses discursivos: primeiro a partir dos três coordenadores dos primeiros cursos de Museologia do Brasil e os seus respectivos períodos temporais (Gustavo Barroso – 1932 a 1958; Valentin Calderón – 1969 a 1980; e Waldisa Rússio – 1977 a 1985), e segundo a partir da regulamentação da profissão de Museólogo com a Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984 e com o Decreto no 91.775, de 15 de outubro de 1985.

A categoria *Ensino em Museologia* está relacionada ao percurso de institucionalização da área por meio da oferta formativa em Museologia; às discussões em torno do currículo dos cursos; e ao perfil do profissional em Museologia.

Nesta investigação, classificaram-se na categoria *Ensino em Museologia* cinco artigos, sendo quatro do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e um do PPGMuseu UFBA. Não se classificou artigos do PPGMus USP nesta categoria.

Nenhum dos artigos classificados na categoria *Ensino em Museologia* apresenta informação sobre a sua afiliação científica, algo compreensível já que se trata de artigos de reflexão teórica.

Dentro desse contexto, os artigos classificados na categoria em questão, pertencentes ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST e ao PPGMuseu UFBA apresentam reflexões sobre questões que perpassam a área da Museologia em seu contexto de institucionalização pela oferta de ensino universitário. O conjunto de artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST versam sobre: a trajetória de criação do Curso de Museus do MHN e de seu herdeiro o Curso de Graduação em Museologia da UNIRIO; a influência das matrizes francesas, nomeadamente da *École de Chartes* e da *École du Louvre*, na implantação e no desenvolvimento dos primeiros cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia; as mudanças ocorridas nas disciplinas ao longo da trajetória do curso são abordadas como contributo para a história e a memória da área, bem como para o caso específico da disciplina Preservação-Conservação, a partir de consulta às fontes primárias como programas de disciplinas, manuais acadêmicos, pareceres, resoluções, dentre outras fontes; as perspectivas teóricas da Museologia que compuseram os projetos pedagógicos dos cursos do MHN e da UNIRIO. O único artigo do PPGMuseu UFBA apresenta o contexto de formação em Museologia na UFBA, especificamente com relação ao Curso de Graduação em Museologia, o segundo curso da área criado no Brasil. A trajetória do curso, os desafios enfrentados e o perfil do profissional em Museologia são algumas das questões enfatizadas.

5.14 Categoria: Musealização do patrimônio

O termo musealização, em utilização desde a década de 1980, conforme definição no livro *Conceitos-chave de Museologia*, em sentido comum, “designa o tornar-se museu” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 56). A musealização se refere à operação de retirada física e conceitual de um objeto do seu ambiente natural ou cultural nato para conferir ao mesmo um *status* museal. Tal *status* se dá a partir da mudança de contexto e do processo de seleção, de documentação e de apresentação (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

Na perspectiva de Bruno, a musealização se constitui por um “conjunto de fatores e diversos procedimentos que possibilitam que parcelas do patrimônio cultural se transformem em herança na medida em que são alvo de conservação e preservação” (BRUNO, 1996, p. 56). Por sua vez, de acordo com Lima (2014), que estuda o entrelace dos termos musealização e patrimonialização, os dois termos se constituem processos culturais que atribuem valor a elementos da natureza e da cultura, conferindo-lhes um padrão distinto, ou seja, torna-os bens musealizados e bens patrimonializados.

Mas é preciso deixar claro que o emprego do termo patrimonialização se aplica tão somente à noção de preservação de um objeto ou de um local. Portanto, o mesmo não se aplica ao conjunto do processo museológico (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

A categoria *Musealização do patrimônio* corresponde a procedimentos técnicos e estratégias para implementação da preservação do patrimônio. Relaciona-se à um processo que pode ocorrer em qualquer tempo e lugar.

O conjunto de artigos classificados na categoria *Musealização do patrimônio* somam cinco artigos. Do referido total, quatro artigos são do PPG-PMUS

UNIRIO/MAST e um artigo pertence ao PPGMus USP. Não houve incidência de artigos do PPGMuseu UFBA nesta categoria.

Evidenciou-se, quanto à afiliação científica dos cinco artigos que dois artigos citam ser oriundos de projeto de pesquisa, enquanto os demais não apresentam qualquer informação sobre. No caso dos artigos afiliados a projetos de pesquisa, identificou-se que um deles, pertencente ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST, parte do projeto vinculado ao Departamento de Estudos e Processos Museológicos e também ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Museologia, Conhecimentos Tradicionais e Ação Social (GEMCTAS). O outro artigo é oriundo de projeto intitulado *História da Energia Elétrica no Estado de São Paulo: construção (1890-1960): patrimônio industrial, paisagem e meio-ambiente*, financiado pela FAPESP.

Na categoria *Musealização do Patrimônio* os artigos versam sobre proposta de musealização *in situ* de estruturas arqueológicas de um monumento de relevância, religiosa, arqueológica, histórica e arquitetônica do Rio de Janeiro, o Convento de Santa Teresa, sugerindo, a criação de um Museu de Sítio. Busca-se, em outro estudo, compreender o processo de musealização da área de conhecimento da Botânica por meio da idealização, por João Barbosa Rodrigues, do Museu Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. O Parque Nacional da Tijuca, patrimônio geológico, Unidade de Conservação Federal é apresentado enquanto território integral de muitos valores. Assim se entende a necessidade de interferência da Museologia para que este patrimônio seja valorizado e comunicado, de modo que a área lhe garanta a preservação por meio de processos de documentação, pesquisa, preservação e comunicação. Em seguida, a musealização como forma de preservação do patrimônio é abordada em sua relação ao setor elétrico brasileiro. Um outro artigo aborda a musealização de um patrimônio imaterial brasileiro: o samba carioca, no âmbito da Política Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI).

Os artigos classificados como *Musealização do patrimônio* foram desenvolvidos no âmbito das mais diversas instituições. No caso dos artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, os mesmos trouxeram reflexões sobre o Convento de Santa Teresa, Museu Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Parque Nacional da Tijuca, Centro Cultural Cartola na sua proposta de criação do Museu do Samba, todos localizados no Rio de Janeiro. No contexto de São Paulo, o artigo da USP contemplou museus situados em cidades que detiveram pequenas centrais hidrelétricas e usinas hidrelétricas, criadas durante o período de 1890 e 1960, em seus territórios. Alguns exemplos de instituições museológicas com acervo que engloba patrimônio do setor elétrico são: o Museu do Porto de Santos, Museu da Cidade de Santo Ettore Liberalesso e Museu Histórico Constantino Leman, dentre outros.

5.15 Categoria: Cibercultura museal

A cibercultura “tem suas raízes no surgimento dos meios de comunicação de massa, mas ganha contornos definidos na atualidade com o computador pessoal, a micro-eletrônica de massa e as redes telemáticas” (LEMOS, 2002, p. 282-283). A cibercultura, portanto, é a cultura identitária do real ao virtual, é a cultura da interconectividade, da interação em rede, da digitalização, dos novos suportes de navegação *on line* e da virtualidade, promotora das mais diversas e complexas redes de informação e comunicação, via TIC ou por elas influenciadas (COSTA, 2008).

No caso de museus estabelecidos no meio físico, a virtualidade se configura como instrumento que, dentre outras inúmeras possibilidades (marketing, interação com outras instituições, etc.), pode colaborar para que o visitante se planeje previamente para uma visita presencial, sobretudo, em casos de visitantes em viagem. É fato que, no caso deste tipo de museu, o intuito da virtualidade não é substituir a visita presencial (CARVALHO, 2005), mas uma forma de fazer com que o museu desempenhe a sua função social levando o consumo cultural para o espaço da cibercultura. Obviamente, que no contexto dos museus que já nasceram virtuais isto acontece naturalmente. Neste tipo de museu o visitante tem uma atitude proativa, traçando seu caminho de acordo com o seu interesse e motivação, sem ter que cumprir um roteiro pré-estabelecido.

No Brasil, o MHN, museu de tipologia tradicional, é considerado pioneiro em sua inserção no mundo virtual (CARVALHO, 2005).

Diferentemente do museu tradicional (estruturado a partir da existência de edifício, coleção e público), o museu virtual é caracterizado pela inexistência da materialidade, desprovido de público (no significado literal da palavra), mas sim provido da presença do visitante individual. O museu virtual é, portanto, uma criação no contexto da cibernética (SCHEINER, 1998).

No entanto, além do termo museu virtual, é comum encontrarmos na literatura outros termos e tipologias que refletem a presença dos museus no ambiente digital ou da cibercultura: *Cibermuseu*; *Webmuseum*; *Museu digital*; *Museu virtual*; *Museu Online*; *Museu Eletrônico*; *Hipermuseu* (MAGALDI, 2010). No entendimento de Loureiro, estas nomenclaturas representam a noção de “centralidade da informação, e não mais a materialidade dos lugares e dos objetos físicos, traço que acompanhou o fenômeno museu desde suas origens, sem grandes abalos” (LOUREIRO, 2003).

A categoria *Cibercultura museal* está relacionada ao ciberespaço e sociabilidade; aos Museus virtuais, às coleções e aos acervos digitais.

Nesta investigação, classificaram-se na categoria *Cibercultura Museal* quatro artigos, todos do PPGMuseu UFBA. Não houve incidência de artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e PPGMus USP.

Em nenhum dos artigos classificados na categoria *Cibercultura Museal* consta informação sobre afiliação científica.

Dentro desse contexto, os artigos classificados na categoria em questão, pertencentes ao PPGMuseu UFBA se propõem a analisar a diversificação e o crescimento dos museus digitais em termos de arquitetura no ciberespaço, bem como a enfocar as possibilidades de ruptura com o modelo tradicional de museu; a apresentar o museu presencial e o museu digital, refletindo sobre as perspectivas de ambos no uso das tecnologias de informação e comunicação para dar a conhecer seus acervos e exposições; refletir sobre o museu na era da globalização, sobretudo em relação à disponibilidade de informação sobre os objetos dos acervos no ciberespaço; e, analisar a forma de comunicação e de busca de informações sobre os objetos dos museus virtuais *on-line*, por parte de pesquisadores e instituições, acerca das informações dos objetos (qualidade e quantidade de informações) e a quantidade do acervo.

5.16 Categoria: Identidade cultural

A questão da identidade cultural ou a “problemática”, como denomina Menezes (1993), fez-se presente em um dos documentos do ICOM. De modo mais específico no documento elaborado em Buenos Aires, no ano de 1986, que atribuía ao museu

propiciar meios “para que a comunidade tome consciência de sua própria identidade que geralmente tenha sido escamoteada por razões de ordem histórica, cultural e social” (Documento do ICOM, 1986).

Assim, como uma questão a ser considerada e perseguida pelos museus, a identidade cultural passou a ser um objetivo a alcançar e a promover, de modo a reforçar as identidades frágeis, estabilizar as identidades desestruturadas, recriar as identidades rescindidas e proteger as identidades ameaçadas (MENEZES, 1993).

Nesse contexto, a partir de então, era suscitado às instituições museológicas não mais a transmissão de uma mensagem universal, mas a necessidade de que suas práticas conduzissem o público ou a comunidade local a se conscientizar da sua própria identidade (MENEZES, 1993). As instituições museológicas são importantes no processo de conscientização dos indivíduos para maior valorização de sua história, para o despertar do sentimento de pertencimento e identidade com a mesma.

A categoria *Identidade cultural* engloba as tradições, a cultura, a religião, a música, a culinária, a forma de vestir, falar, dentre outros, representativos dos hábitos e costumes dos indivíduos e da coletividade da qual faz parte.

Os artigos classificados na categoria *Identidade cultural* somam três artigos: dois artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e um artigo pertence ao PPGMuseu UFBA. Não houve incidência de artigos do PPGMus USP.

Apenas dois artigos fizeram menção à sua filiação. Um tem origem em orientação de dissertação no âmbito do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, em 2008, sob o título de *Quando o museu abre as portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo*. O outro artigo, pertencente ao PPGMuseu UFBA, citou que o estudo teve como base o trabalho de pesquisa junto ao Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia.

Os artigos classificados na categoria *Identidade cultural* trazem em suas abordagens questões como: a presença das identidades culturais na concepção de museus, presença esta demarcada por três momentos, sendo o primeiro durante o período do Renascimento (valorização de ruínas e os testemunhos da Antiguidade greco-romana), o segundo a partir do século XIX, quando os museus assumem a função de fundar e manifestar uma identidade nacional e, o terceiro momento é marcado pelos grupos socioculturais que assumem atitude proativa e consciente do papel que podem desempenhar. Atitude que faz com que os museus atentem para a construção de uma identidade cultural impregnada de futuro, colocando a identidade e a memória como centrais em suas ações; o trabalho de valorização da imagem do negro por meio das produções culturais de um bloco formado totalmente por negros, criado em 1974, em Salvador, o Bloco Ilê Aiyê. Em suas produções culturais (desfiles de carnaval e espetáculos) emite-se uma imagem do negro diferente da habitual, o que suscita, portanto, novas formas de identificação da população afrodescendente local e mundial; a compreensão da identidade cultural como geradora da existência de um sentimento de pertencimento, daí, de modo mais específico, as reflexões giram em torno da identidade cultural latino-americana, no sentido de entendimento desta como conjunto de identidades culturais existentes e produzidas em uma dada região que refletem o sentimento de pertença. Assim, as festas, o artesanato, o consumo material e simbólico são elementos identitários como campo de análise dos povos da América Latina.

5.17 Categoria: Políticas públicas de cultura

As reflexões em torno da responsabilidade do Estado sobre a produção cultural do Brasil e sobre a necessidade de delinear os princípios de elaboração de políticas públicas de cultura se intensificaram na última década, tanto na esfera federal como na esfera estadual (CALABRE, 2005).

A compreensão de política pública de cultura se caracteriza por ser um “conjunto ordenado e coerente de preceitos e objetivos que orientam linhas de ações públicas mais imediatas no campo da cultura” (CALABRE, 2005, p. 2).

No Brasil, a política pública de cultura é marcada por momentos distintos. O início com o governo reformista de Getúlio Vargas (período de 1934 a 1945); em seguida, o investimento em infraestrutura do regime militar (período de 1964 a 1985); depois a fragilidade institucional e a necessidade de criação de novas bases na redemocratização do país (período de 1985 a 1994) e a cultura política neoliberal do Presidente Fernando Henrique Cardoso (período de 1995 a 2002); até a gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (período 2002 a 2010) (BEZERRA; GADELHA, s.d).

Durante a gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, considerado o governo mais intervencionista na formulação de políticas públicas de cultura, é que em maio de 2003, o então MinC criou secretarias e programas para atender as áreas da cultura (BEZERRA; GADELHA, s.d) e anunciou que o museu seria protagonista em suas ações. Na verdade, “o MinC não produziu apenas um discurso, transformou o museu em prioridade e formulou políticas, liderou um processo de mudanças” (MORES, 2009, p. 61).

Nesse contexto, a PNM foi instituída ainda em 2003, trazendo em seu bojo o objetivo de “promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro (...) por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes” (POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS, 2004, p. 7).

A partir da PNM foi criado em novembro de 2004 o Sistema Brasileiro de Museus (SBM). As diretrizes do mesmo perpassam pela valorização, registro e disseminação do saber-fazer específico do campo museológico, dentre questões de organização, otimização da gestão e do desenvolvimento das instituições museológicas e dos seus acervos (conforme Decreto 5.264 de 2004). Destacam-se, em 2009, duas questões importantes para o quadro da política cultural de museus: a institucionalização do Estatuto dos Museus e a criação do IBRAM, autarquia com sede em Brasília, criada com o fito de formular políticas culturais para os museus públicos e privados do Brasil, dentre outros objetivos.

Os artigos classificados na categoria *Políticas públicas de cultura* somam três artigos, sendo dois artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e um artigo do PPGMus USP. Não houve incidência de artigos do PPGMuseu UFBA.

Evidenciou-se, quanto à filiação dos três artigos, que dois deles tiveram origem em discussões da disciplina Sociologia na UNIRIO, enquanto o outro é fruto de uma comunicação apresentada no IV Seminário de Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no ano de 2012.

Os assuntos tratados nos artigos versam sobre: o papel do Estado na idealização, na gestão e no financiamento de políticas públicas e de políticas culturais, bem como sobre o papel dos museus nesta conjuntura para o governo, onde aborda-se

especificamente, o governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva que criou o IBRAM; as atribuições das organizações formais (IPHAN, IBRAM) e a possibilidade de trabalho de modo articulado e colaborativo para a salvaguarda do patrimônio cultural (a reflexão do artigo paira sobre a preservação do patrimônio arqueológico); e, a trajetória das práticas de preservação do patrimônio cultural no âmbito do governo federal a partir da década de 1980, época da redemocratização do país, com atenção para os bens tombados e registrados.

5.18 Categoria: Acessibilidade em museus

A questão da acessibilidade aos museus está elencada na Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009 que institui o Estatuto dos Museus onde em seu Art. 35 registra que “os museus caracterizar-se-ão pela acessibilidade universal dos diferentes públicos, na forma da legislação vigente”.

Questões de acessibilidade foram registradas quando da idealização da PNM, especificamente no seu eixo 2 *Democratização e acesso aos bens culturais*, também no Plano Nacional Setorial de Museus (PNMS) criado em 2009 que tem validade no período de 2010 e 2020. O PNMS sinaliza a necessidade de implementação de uma política de acessibilidade universal para museus e centros culturais e no Estatuto dos Museus já citado (CHAGAS; STORINO, 2012).

Esse quadro revela que as questões de acessibilidade constam dos documentos de criação e regulação da Política Pública de Museus, sob a responsabilidade do IBRAM. Este, por sua vez, tem, dentre outras obrigações, “a busca sistemática de um padrão de excelência no que se refere à acessibilidade” (CHAGAS; STORINO, 2012, p. 12).

A acessibilidade, na perspectiva inclusiva, vem suscitando aos mais diversos museus iniciativas que possibilitem que diferentes públicos possam usufruir e se apropriar dos bens culturais (CHALHUB, 2014), especialmente, os públicos que apresentam deficiência visual, auditiva, motora, intelectual, múltipla (mental, visual, auditiva e física). É preciso atentar que a acessibilidade envolve questões de adequação de estrutura física, edificação, mobiliário, elementos ao alcance, acesso à informação/ linguagem acessível ao público com distintos níveis intelectuais e cognitivos, estratégias de mediação cultural, dentre outras (SARRAF, 2008).

Segundo Sarraf (2008), a acessibilidade em museus significa que todos os serviços básicos e especiais (exposições, ambientes de convivência, serviços de informação, etc.) oferecidos pelos equipamentos culturais estejam ao alcance de todos os tipos de público, permitindo-lhes autonomia.

Pode-se citar, com base na investigação de Sarraf, alguns exemplos de museus acessíveis na Inglaterra, como o *Tate Modern*, o *British Museum* e o *Victoria and Albert Museum*, os quais desenvolvem estratégias para a inclusão de pessoas deficientes a exemplo de esculturas acessíveis ao tato no espaço das exposições, vídeos em língua de sinais, curso de arte em língua de sinais, *sites* acessíveis, dentre outras estratégias.

No caso do Brasil, o que se percebe mais intensamente são museus com implantação de adequações físicas. No entanto, os museus vêm desenvolvendo ações de acessibilidade criando projetos inclusivos, mesmo não dispondo de um setor destinado à acessibilidade e inclusão social, como ocorre em museus internacionais. Sarraf elenca projetos desenvolvidos pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, pelo Museu de Zoologia da USP e pelo MAC/USP (SARRAF, 2008).

Assim, a categoria *Acessibilidade em museus* está relacionada à inclusão social de pessoas com deficiência para usufruto, com autonomia, do patrimônio cultural; à forma como a legislação brasileira assegura este direito; como os museus e instituições culturais vem atuando no sentido de promover ações e estratégias de inclusão; uso das tecnologias assistivas no âmbito das instituições.

No caso do *corpus* documental analisado, apenas dois artigos foram classificados na categoria *Acessibilidade em museus*. Os mesmos pertencem estritamente ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST.

Acerca da filiação dos artigos, identificou-se que os dois artigos são oriundos de orientação de dissertação de mestrado defendida pelo PPG-PMUS UNIRIO/MAST, sob o título de *Dedos de ver: informação especial no museu e a inclusão social da pessoa com deficiência visual*.

Os artigos classificados na categoria *Acessibilidade em museus* discutem a questão da inclusão social de pessoas com deficiência visual nos museus. Para tanto, um dos artigos analisa o caso de museus reconhecidos no cenário brasileiro acerca do atendimento a este segmento de público e quanto ao uso de tecnologias assistivas que possibilite o devido acesso. A ocorrência de barreiras ou obstáculos que impedem o desejável atendimento das pessoas com necessidades especiais - seja em contexto eletrônico, por via da rede internacional de computadores – *site* do Museu na *Internet* – seja no próprio ambiente físico no qual está localizado o Museu também é discutido.

Os artigos em pauta centraram-se em três instituições museológicas: MHN, Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) e no MAST. Inclusive, o MHN foi agraciado com o certificado *Acessibilidade Nota 10*, em 2005, conferido pela Comissão de Defesa da Pessoa Portadora de Deficiência da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em reconhecimento ao trabalho de ampliação e aperfeiçoamento de projeto de acessibilidade desenvolvido no museu (CHAGAS; STORINO, 2012). Já o MNBA desenvolve, desde 2007, o projeto *Ver e Sentir através do toque* que se dedica à promover acessibilidade, experimentação e leitura de obras de arte de seu acervo às pessoas deficientes visuais, possibilitando inclusão social.

5.19 Categoria: Outras agendas de investigação

Identificando-se que alguns artigos do *corpus* documental analisado não se enquadram em temáticas no escopo da Museologia, optou-se por incluí-los em uma categoria nomeada *Outras agendas de investigação*.

Nesse caso, foram classificados na referida categoria 16 artigos, sendo 14 do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e dois do PPGMuseu UFBA

Identificaram-se artigos com temáticas específicas no âmbito de áreas de conhecimento como a História, História das Ciências, Comunicação, Educação, Saúde, Geociências e Biblioteconomia. Nesse sentido, no âmbito das referidas áreas os artigos classificados em *Outras Agendas de Investigação* versam sobre: institucionalização da pesquisa na Amazônia; estudos paleobiogeográficos; classificação e organização de fósseis paleozoicos – Biválvia; hábitos de vida das faunas paleozoicas de gastrópodes; habilidades no uso do computador por parte de comunidade escolar; educação sexual na escola; relação comunicação e saúde na perspectiva informacional; estratégias no cuidado de enfermagem aos clientes com HIV/Aids; lógica científica e o pensamento mítico na história da ciência; trajetória política de um líder colombiano; motivação para o aprendizado por parte de estudantes de escolas públicas; potencial explicativo dos

capitais econômico, social e cultural na análise do desempenho educacional; relação cibercultura, ciberespaço e História; e, formação de coleções de livros digitais nas bibliotecas universitárias públicas do Brasil.

5.20 Síntese das tendências temáticas

Visando dar mais visibilidade aos resultados obtidos acerca das tendências temáticas na produção científica em Museologia, elaborou-se a Tabela 1 que corresponde ao panorama geral da quantificação dos artigos por programa a partir da classificação dos mesmos em cada uma das 19 categorias temáticas de análise:

Tabela 1 – Distribuição da classificação dos artigos em categorias temáticas por programa

CATEGORIAS	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMus USP	PPGMuseu UFBA	TOTAL
Objeto/ Coleção/ Acervo	6	4	8	18
Exposição museológica	7	7	3	17
Preservação e conservação do Patrimônio de Ciência e Tecnologia (C&T)	16			16
Teoria da Museologia	12	2		14
Patrimônio cultural	7		6	13
Ação cultural e educativa em museus	8	3	1	12
Instituições museológicas no Brasil	7	3	2	12
Função social dos museus	10		1	11
Museu, memória e Movimentos sociais	5		5	10
Estudo de público	6	2	1	9
Documentação museológica	2		4	6
Narrativa biográfica	4	1	1	6
Ensino da Museologia	4		1	5
Musealização do patrimônio	4		1	5
Cibercultura museal			4	4
Identidade cultural	2		1	3
Políticas públicas de cultura	2	1		3
Acessibilidade em museus	2			2
Outras agendas de investigação	14		2	16
Total	118	23	41	182

Fonte: Dados da pesquisa (2017) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

A partir dos dados condensados na Tabela 1 é possível visualizar que algumas temáticas se destacam de forma única na produção científica dos programas. Um exemplo disso é a temática *Preservação e Conservação do Patrimônio de C&T* identificada estritamente na produção científica do PPG-PMUS UNIRIO/MAST. O programa foi o que teve sua produção científica classificada em 18 das 19 categorias temáticas de análise, o que demonstra que o PPG-PMUS UNIRIO/MAST é autoridade em diversas temáticas no escopo da Museologia, sobretudo, em *Preservação do Patrimônio de C&T*, *Teoria da Museologia* e *Função Social dos Museus*, categorias com maior número de incidência na produção científica do programa.

O PPGMus USP teve a sua produção científica classificada em oito das 19 categorias de análise. Considera-se que a categoria *Exposição museológica* é uma forte temática em sua produção científica.

Já o PPGMuseu UFBA deteve a temática *Cibercultura Museal* presente unicamente na produção científica do programa. A produção científica do programa incidiu em 15 das 19 categorias temáticas, sendo as categorias *Objeto/ Coleção/ Acervo, Patrimônio Cultural, Museu, Memória e Movimentos Sociais* e a já citada *Cibercultura Museal* as de maior frequência.

Buscou-se estabelecer a relação da produção científica analisada com o Quadro Geral da Disciplina Museológica delineado no âmbito do Encontro Internacional do ICOFOM/ICOM na década de 1980. O Quadro Geral da Disciplina Museológica tem origem na proposta de Stránský, em 1960, sobre um sistema da Museologia aportado em historicidade, aspectos práticos dos museus e no diálogo da área com outras disciplinas, mas também é fruto dos debates e discussões intensificados desde então (CURY, 2014).

Nesse contexto, o Quadro Geral da Disciplina Museológica foi estruturado, a partir da proposta tripartite ou tripartida (contou com a colaboração de Vinos Sofka, dentre outros pensadores da área, no âmbito do ICOFOM), em Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada (CURY, 2014; DUARTE CÂNDIDO, 2014).

Nesse sentido interessa por referir ao que cada uma das estruturas está relacionada. A Museologia Geral engloba a Teoria museológica, a História dos museus e a Administração de museus. A Museologia Especial está relacionada aos diferentes Textos (i.e tipologias específicas de museus) e Contextos museológicos (realidades sociais específicas). A Museologia Aplicada contempla a Formação e/ou desenvolvimento de coleções, a Salvaguarda (conservação e documentação), a Comunicação (Exposição e Educação) e a Gestão (CURY, 2014).

Na atualidade, segundo Cury, o Quadro Geral da Disciplina Museológica ainda se mantém inalterado em termos estruturais, contudo o seu detalhamento vem sofrendo adequação por parte de alguns estudiosos da área, porém a autora, por seu turno, alerta que os estudos para adequações não foram publicados até o momento (CURY, 2014).

Assim, a partir deste enquadramento, acostando a produção científica analisada ao Quadro Geral da Disciplina Museológica, com vista a estabelecer um paralelo, constatou-se que a mesma se enquadra, a partir da categorização temática, nos termos da Museologia Geral e da Museologia Aplicada, sendo o enquadramento da produção científica na última estrutura bastante expressiva.

Considera-se, portanto, que os artigos classificados nas categorias *Objeto/ Coleção/ Acervo; Exposição museológica; Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência & Tecnologia; Patrimônio Cultural, Ação Cultural e Educativa em Museus; Função Social dos Museus; Estudo de público; Documentação Museológica; Museu, Memória e Movimentos Sociais; Musealização do Patrimônio; Cibercultura Museal; Identidade Cultural; Políticas Públicas de Cultura; Acessibilidade em Museus;* correspondem à Museologia Aplicada. Já os artigos classificados nas categorias *Teoria da Museologia, Instituições Museológicas no Brasil, Ensino da Museologia e Narrativa biográfica,* considera-se o enquadramento na Museologia Geral.

Posto isso, é preciso reconhecer a necessidade de movimentação, adequação e interação entre a Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada, pois este tripé pode, em muito, ampliar e englobar tendências centrais da Museologia do

século XXI de forma mais específica. Essas tendências, segundo Mensch e Mensch (2011), perpassam por temas como: as coleções na sua relação com as exigências da contemporaneidade; a aprendizagem e a função da experiência em contexto museológico; estratégias de participação, grande questão do século XXI, como vetor de inclusão e de responsabilidade social; avaliação da atuação e da performance dos museus; relação integrada dos museus e do patrimônio atentando para aspectos como a interdisciplinaridade, as biografias culturais, as redes temáticas; e, por fim, as questões éticas dos museus.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constituiu-se objetivo do presente artigo identificar as temáticas presentes na produção científica dos docentes permanentes dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia, a partir dos artigos publicados em periódicos científicos de acesso aberto, no período de 2006 a 2016.

A análise das tendências temáticas da produção científica em Museologia revelou que estas se apresentam passíveis de perspectivas integradoras do conhecimento de outras áreas com a Museologia, algo essencial para a compreensão do diálogo estabelecido com outras áreas de conhecimento, mas também é indicativa das frentes de investigação na produção científica da área.

Com efeito, os resultados obtidos dão conta que a produção científica da área da Museologia no Brasil se estrutura em torno de 18 frentes de pesquisa com alguma conexão ou relação entre elas, sendo as de maior incidência: *objetos/coleções/acervos; exposição museológica; e preservação e conservação do patrimônio cultural de C&T*.

As temáticas evidenciadas confirmam o Quadro Geral da Disciplina Museológica. Contudo, pode-se dizer que a produção científica em Museologia dá sinais de abertura às novas frentes de investigação que atendam questões contemporâneas. Pode-se dizer que uma dessas questões é a discussão em torno de uma “definição de museu do século XXI”, tema da Conferência do Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM) do ICOM realizada em junho de 2017 em Paris com vistas a promover reflexão global sobre o tema⁵.

Por fim, esclarece-se que embora a pesquisa em relato tenha sido restrita à análise temática da produção científica de artigos em periódicos de acesso aberto, considera-se que o estudo contribui para a percepção das tendências temáticas da pesquisa em Museologia, oportunizando o conhecimento e a análise dos temas que podem ser estimulados em relação à produção científica. Para além disso, o cenário aqui delineado se coloca como contributo para a compreensão e para o enriquecimento da história da ciência museológica recente no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vânia Maria Siqueira; REIS, Maria Amélia Gomes de Souza. Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa Redonda de Santiago do Chile,

⁵ A obra *Définir le musée du XXI siècle: matériaux pour une discussion* se encontra disponível em: http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/images/LIVRE_FINAL_DEFINITI ON_Icofom_Definition_couv_cahier.pdf?utm_content=bufferce21f&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer.

1972. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 6, n. 1, p. 113-134, 2013. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/253/220>.

BARBUY, Heloisa. Os museus e seus acervos: sistemas de documentação em desenvolvimento. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, INTEGRAR, 1., São Paulo, 2002. **Anais....** São Paulo, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1979.

BEZERRA, Jokastra Holanda; GADELHA, Rachel Weyne. Política Cultural no Brasil Contemporâneo: percursos, conquistas e desafios. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS CULTURAIS, 4., Rio de Janeiro, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. (2. ed.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRIGOLA, João Carlos Pires. **Os viajantes e o 'livro dos museus'**. Porto: Chaia & Dafne Editora, 2010.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Formas de humanidade: concepção e desafios da musealização. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 9, n. 66, 1996.

CALABRE, Lia. Política Cultural no Brasil: Um histórico. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 1., ENECULT, 2005. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/LiaCalabre.pdf>.

CARVALHO, Rosane. **A transformação da relação museu e público: a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2005.

CERAVOLO, Suely Moraes; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. (2000). Tratamento e organização de informações documentárias em museus. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 10, p. 241-253, 2000.

CHAGAS, Mario de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999.

CHAGAS, Mario de Souza; STORINO, Claudia. O desafio da acessibilidade aos museus. In: COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane; BRASILEIRO, Alice. **Acessibilidade a Museus**. Brasília: MinC/Ibram. 2012. Retrieved from http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/acessibilidade_a_museu_miolo.pdf.

CHALHUB, Tania. Acessibilidade a museus brasileiros: reflexões sobre a inclusão de surdos. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, p. 328-344, 2014. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/17428>.

COELHO, Priscilla Arigoni. **Metáforas em rede no processo de institucionalização: um estudo sobre memória e discurso da Museologia no Brasil (1932 a 1985)**. Tese (Doutorado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

COSTA, Luciana Ferreira da. **Usabilidade do Portal de Periódicos da CAPES**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

COSTA, Luciana Ferreira da; BRIGOLA, João Carlos Pires. Hábito cultural de visita a museus: estudo de público sobre o Museu do Homem do Nordeste, Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 4, Número Especial, p. 121-141, 2014. Retrieved from <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1501/1045>.

COSTA, Luciana Ferreira da. **Museologia no Brasil, século XXI: atores, instituições, produção científica e estratégias**. 2017. 360 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Ciência Especialidade em Museologia). Universidade de Évora, Portugal, 2017.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: análise metodológica do processo de concepção, montagem e avaliação**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CURY, Marília Xavier. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus. In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 1., Porto, 2010. **Actas...** Porto: Universidade do Porto, 2010. p. 269-279. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8132.pdf>.

CURY, Marília Xavier. Museologia e conhecimento museológico: uma perspectiva dentre muitas. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 3, n. 5, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/10949/7824>.

DESVALÉES, André; MAIRESSE, François (Eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Armand Colin, 2013. Disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. A função social dos museus. **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, v. 9, p. 169-187, 2007.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo**: diagnóstico museológico e planejamento. 2. ed. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2014.

GRANATO, Marcus. Panorama sobre o Patrimônio da Ciência e Tecnologia no Brasil: Objetos de C&T. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio Ferreira (Orgs.). **Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009. p. 78-103. Disponível em: <http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T/8%20PANORAMA%20SOBRE%20O%20PATRIM%C3%94NIO%20DA%20CIENCIA%20E%20TECNOLOGIA%20NO%20BRASILMarcus.pdf>.

GRANATO, Marcus. Projetos de pesquisa desenvolvidos em Museologia e preservação de acervos de C&T (1998-2015). In: GRANATO, Marcus (Org.). **Museologia e patrimônio**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015.

HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Francisca. **Planteamientos teóricos de la museología**. Gijón: Ed. Trea, 2006.

KÖPTCHE, Luciana Sepúlveda. **Sobre museus, públicos e dinâmicas sociais**: o caso do Observatório de Museus e Centros Culturais. Livro dos Seminários Internacionais. 2010. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&PagFis=19696&Pesq>

LEMOS, André. **Cibercultura**. Tecnologia e vida social na cultura. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização e patrimonialização: formas culturais integradas, termos e conceitos entrelaçados. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, ENANCIB, 15., Belo Horizonte, 2014. **Anais...** Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9>.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo, Editora Hucitec, 1997.

LOPES, Maria Margaret; MURRIELLO, Sandra Elena. Ciências e educação em museus no final do século XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (suplemento),

p. 13-30, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/01.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2015.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. **Museu, informação e arte: a obra de arte como objeto museológico e fonte de informação**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. **Museus de arte no ciberespaço: uma abordagem conceitual**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2003.

LOURENÇO, Marta C. O patrimônio da ciência: importância para a pesquisa. **Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 1, p. 47-53, 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/45/25>.

MAGALDI, Monique Batista. **Navegando no museu virtual: um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu**. Dissertação (Mestrado em Museologia). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**, v. 1, n. 1, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v1n1/a14v1n1.pdf>.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Ciência e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras**, v. 27, p. 91- 101, 2000.

MENSCH, Peter Van. **O objeto de estudo da museologia**. Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994.

MENSCH, Peter van; MENSCH, Léontine Meijer-van. **New trends in museology**. Celje, Slovenia: Museum of Recent History Celje, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/reuni-sp-93318841>.

MORAES, Nilson Alves de. Políticas públicas, políticas culturais e museu no Brasil. **Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/46/26>. Acesso em: 10 nov. 2015.

MOUTINHO, Mário Caneva. **Museus e sociedade**: reflexões sobre a função social do museu. Monte Redondo: Cadernos de Patrimônio, 1989.

NORA, Pierre. **Memoire et Histoire**: le problematique des lieux. Les Lieux des memoire. La Republique. Paris: Gallimard, 1984.

POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS. Relatório de Gestão. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU, 2004.

POULOT, Dominique. **Museus e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RANGEL, Marcio Ferreira. A cidade, o museu e a coleção. **Liinc em Revista**, v. 7, n. 1, p. 301-310, 2011. Disponível em: <http://www.ibict.br/liinc>.

SÁ, Ivan Coelho de. História e memória do curso de Museologia: do MHN à Unirio. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 39, p. 10-42, 2007. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=Anais%20do%20Museum%20Historico%20Nacional\Volume%20XXXIX-%202007&pesq=>.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, Cientometria, Infometria: conceitos e aplicações. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, v. 2, n. 1, p. 155-172, 2009. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/21/43>.

SARRAF, Viviane Panelli. **Reabilitação do Museu**: políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SCHEINER, Teresa Cristina Moletta. **Apolo e Dioniso no templo das musas. Museu – Gênese, idéia e representações na cultura ocidental**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Termos e conceitos da museologia: contribuições para o desenvolvimento da museologia no campo disciplinar. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia N. M. **Mast Colloquia**: Documentação em museus. 2008. (p. 202-233). Disponível em: http://www.mast.br/livros/mast_colloquia_10.pdf.

SIQUEIRA, Graciele Karine. **Curso de Museus – MHN, 1932-1978**: o perfil acadêmico-profissional. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, Lucas Marcelo Tomaz de. **Eu devia estar contente**: a trajetória de Raul Santos Seixas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2011.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. **Cenário acadêmico-institucional dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia do Brasil.** (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). Declaração de Caracas. Relatório final do seminário A missão dos museus na América Latina hoje: novos desafios. Caracas, Venezuela, 16 jan.- 6 fev., 1992.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. Intercessões necessárias: História, Museologia e Museus de Ciência e Tecnologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 3, n. 5, p. 37-53, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/download/10948/7823>. Acesso em: 18 nov. 2015.

VARINE, Hugues de. A museologia se encontra com o mundo moderno. In: Nascimento Junior, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos (Org.). **Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo:** Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972. Brasília: Ibram/MinC; Programa Ibermuseos, 2012. Disponível em: http://www.ibermuseos.org/wp-content/uploads/2014/09/Publicacion_Mesa_Redonda_VOL_I.pdf.

Thematic trends of scientific production in Museology from Brazil

Abstract

The study presents the main themes of scientific production in Museology from Brazil based on the analysis of the papers of scientific journals with open access in the chronologic period from 2006 to 2016. The methodology is bibliometrics that uses of the content analysis by thematic categories. The corpus is composed by 182 papers. The research identifies that the scientific production is included in 18 thematic categories in the scope of Museology, and the most incident investigation agendas are Object/Collection/Acquis, Museological Exposition and Preservation and Conservation of the Science and Technology Patrimony. It is concluded that the analyzed scientific production is guided by questions that fit in the General Chart of Museological Discipline, outlined by the International Committee for Museology of the International Council of Museums, but it is also presented in accordance with the central tendencies of the Museology of the 21st century.

Keywords: *Bibliometric, Scientific production, Thematic analysis, Museology, Brazil.*

Artigo recebido em 29/07/2017. Aceito para publicação em 28/10/2017.